

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Atitudes em relação à imigração: um estudo com jovens estudantes do ensino secundário

Tiago Filipe Duarte Robalinho

Dissertação apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Professor Doutor Félix Neto.

Outubro de 2016

Resumo

O objetivo desta investigação foi a análise das atitudes em relação à imigração em Portugal. Este estudo foi realizado junto de uma população de jovens estudantes do ensino secundário. Com este estudo pretendemos verificar se os jovens portugueses apresentavam, de um modo geral, atitudes positivas em relação à imigração ou se, pelo contrário, apresentavam atitudes negativas. Para além disto também quisemos testar a influência das variáveis “género”, “religião” e “escolaridade dos pais” nessas mesmas atitudes.

Deste modo foram definidas algumas hipóteses. A primeira hipótese afirmava que, de um modo geral, os jovens portugueses apresentavam atitudes positivas em relação à imigração. Ao nível do “género” foi elaborada uma hipótese que defendia que as raparigas eram mais favoráveis à imigração do que os rapazes; ao nível da “religião” foi elaborada uma hipótese que afirmava que os jovens que se consideravam, relativamente à sua posição face à religião, como sendo “não-crentes e não-praticantes” apresentavam atitudes mais positivas face à imigração comparativamente com os jovens que se consideravam “crentes praticantes” ou “crentes não-praticantes”. Finalmente foi elaborada ainda uma quarta hipótese, que defendia que os jovens provenientes de níveis socioeducativos mais elevados apresentavam atitudes mais favoráveis à imigração do que os jovens provenientes de níveis socioeducativos mais baixos.

A amostra foi constituída por 195 adolescentes, com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos ($M = 16,90$; $DP = 0,55$). O instrumento utilizado para a realização deste estudo foi um questionário que pretendia recolher informação sobre diferentes tipos de atitudes relacionadas com a imigração, nomeadamente com as “atitudes em relação à diversidade social e à participação”, as “atitudes em relação à equidade social” e ainda com o “clima de imigração”. Os resultados revelam que, de forma geral, os adolescentes apresentam atitudes positivas face à imigração. Ficou ainda comprovado que as raparigas são mais favoráveis à imigração do que os rapazes. No entanto a escolaridade dos pais não teve, ao contrário daquilo que era esperado, influência nas atitudes em relação aos imigrantes. Já a religião teve apenas uma influência parcial nessas mesmas atitudes.

Abstract

The aim of this investigation was the analysis of the attitudes toward immigration in Portugal. This study was conducted among young students from the high school. With this study we wanted to verify if the portuguese youth showed, in general, positive or negative attitudes toward immigration. Moreover, we also wanted to test the influence of the variables “gender”, “religion” and “parental education” in those attitudes.

To test the influence of these variables we defined some hypothesis. The first hypothesis said that, in general, the portuguese youth showed positive attitudes toward immigration. The second hypothesis said that the girls were friendlier toward immigration than boys. At the level of religion, it was created a hypothesis which defended that the teens, who saw themselves as “non-believer and non-practicing” were friendlier toward immigration than teens who saw themselves as “practicing believers” or “non-practicing believers”. Finally, it was still created a fourth hypothesis which advocated that the teenagers from high socioeducational levels were friendlier toward immigration than teenagers from low socioeducational levels.

The sample was comprising by 195 teens, with ages between 16 and 18 years ($M = 16,90$; $DP = 0,55$). The instrument used to perform this study was a quiz, designed to test different types of attitudes toward immigration, including “attitudes towards social diversity and participation”, “attitudes towards social equality” and still “immigration climate”. The results reveal that, in general, the teens show positive attitudes toward immigration. The girls are friendlier toward immigration than boys. However the level of education of the parents did not have, contrary to our expectations, an influence in the attitudes toward immigrants. The religion had only a partial influence in those attitudes.

Résumé

L'objectif de cette recherche était l'analyse des attitudes sur l'immigration au Portugal. Cette étude a été réalisée auprès d'une population de jeunes élèves du secondaire. Avec cette étude nous avons l'intention de vérifier si les jeunes Portugais ont présenté, généralement, des attitudes positives ou négatives sur l'immigration. En outre, nous voulons tester l'influence des variables "sexe", "religion" et "l'éducation parentale" sur ces mêmes attitudes.

Ainsi, ils ont été fixées certaines hypothèses. La première hypothèse a été que, généralement, les jeunes Portugais avaient une attitude positive envers l'immigration. La seconde hypothèse était que les filles ont montré une attitude plus positive sur l'immigration que les garçons. Par rapport à la religion, il a été élaboré une hypothèse qui a affirmé que les jeunes qui se considéraient "incroyants et non-pratiquants" ont montré une attitude plus favorable à l'immigration que les jeunes qui se considèrent "croyants pratiquants" ou "ou non-croyants pratiquants". Enfin, il a été avancée une quatrième hypothèse, qui préconisaient que les jeunes à partir de niveaux socio-éducatifs élevés montreraient une attitude plus favorable à l'immigration que les jeunes de niveaux socio-éducatifs inférieurs.

L'échantillon était composé par 195 adolescents, âgés de 16 à 18 ans ($M = 16,90$; $E-T = 0,55$). L'instrument utilisé pour cette étude a été un questionnaire conçu pour recueillir des informations sur différents types de attitudes envers l'immigration. Les résultats révèlent que, généralement, les adolescents ont une attitude positive envers l'immigration. Il a également été montré que les filles sont plus favorables à l'immigration que les garçons. Cependant l'éducation des parents n'a pas, contrairement à ce qui était attendu, influencé les attitudes envers les immigrants. La religion avait seulement une influence partielle sur ces mêmes attitudes.

Agradecimentos

Antes de mais quero agradecer profundamente à direção do Colégio Internato dos Carvalhos, especialmente ao Dr. Vasco Silva, visto que, sem a sua colaboração, este projeto não teria sido possível de ser realizado.

Em segundo lugar quero agradecer ao meu orientador, o professor Félix Neto, por toda a sua ajuda e apoio durante a realização desta dissertação.

E, finalmente, quero agradecer à minha família por tudo o que fez por mim ao longo de todo o meu percurso escolar/académico.

A todos eles o meu muito obrigado!

Índice

Introdução.....	1
I – Enquadramento teórico e contextual.....	3
1.1. A evolução das migrações no Mundo.....	3
1.2. A imigração na União Europeia (UE).....	4
1.3. A imigração em Portugal.....	5
1.4. A legislação da imigração em Portugal.....	7
1.5. Atitudes em relação à imigração.....	9
1.6. Fatores que influenciam as atitudes em relação à imigração.....	9
1.6.1. Fatores económicos.....	10
1.6.2. Fatores culturais.....	11
1.6.3. Fatores políticos.....	13
1.6.4. Fatores sociodemográficos.....	14
1.6.5. Outros fatores.....	17
1.7. Estudos interculturais sobre as migrações e sua evolução.....	19
II – Estudo empírico.....	21
2. Problemática.....	21
2.1. Objetivo do estudo.....	21
2.2. Hipóteses.....	22
III – Metodologia.....	23
3.1. Amostra.....	23
3.2. Instrumentos.....	24

3.3. Procedimento.....	25
IV – Resultados.....	25
4.1. Atitudes em relação aos imigrantes e género.....	27
4.2. Atitudes em relação aos imigrantes e religião.....	28
4.3. Atitudes em relação aos imigrantes e escolaridade dos pais.....	30
4.4. Atitudes em relação aos grupos etnoculturais	30
4.5. Atitudes em relação aos grupos etnoculturais e género.....	32
4.6. Atitudes em relação aos grupos etnoculturais e religião.....	34
V - Discussão.....	36
5.1. Como se pode desenvolver atitudes positivas em relação à imigração?.....	39
5.2. Limitações do estudo.....	40
5.3. Conclusões/ contributos do estudo.....	41
Referências bibliográficas.....	42
Anexos.....	46

Introdução

Nos últimos anos, a Europa foi afetada por uma crise económica e social quase sem precedentes. Esta crise económica provocou um aumento generalizado do desemprego na grande maioria dos países da União Europeia (UE), afetando com especial ênfase os países do Sul da Europa. Portugal, fazendo parte do conjunto de países do Sul da Europa, foi portanto um dos países mais afetados.

De facto, nos últimos anos, a taxa de desemprego no nosso país aumentou de forma exponencial e com especial incidência na população mais jovem. A taxa de desemprego jovem é, por isso, ainda mais elevada do que a taxa de desemprego geral.

Para além da crise económica e social que eclodiu na Europa em resultado da crise financeira do ano de 2008, a Europa foi afetada, mais recentemente, por uma outra crise: a chamada “crise dos refugiados”. Nos últimos meses, milhares e milhares de pessoas chegaram à Europa provenientes, sobretudo, de países do Médio Oriente e do Norte de África, em busca de um lugar seguro para viverem.

Em resultado de todas estas crises que têm afetado a Europa, o “imigrante” tem sido colocado no centro das atenções, quase sempre pelos piores motivos.

De facto, verifica-se um pouco por toda a Europa o crescimento acentuado de partidos extremistas, nomeadamente de partidos de extrema-direita, com as suas posições frequentemente racistas, xenófobas e anti-imigração, o que é sinal de que cada vez mais cidadãos europeus percebem a imigração como sendo algo que traz consequências negativas para os seus países, sejam elas de natureza económica ou não-económica (Rustenbach,2010).

Enquanto alguns cidadãos europeus associam a imigração ao desemprego, à descida dos salários e à degradação dos serviços públicos, outros vêem-na como uma ameaça à coesão social assim como aos valores, aos costumes e à cultura da sociedade dominante. Nos últimos anos este fenómeno tem acontecido sobretudo com os imigrantes de religião islâmica (Pais,1999).

Deste modo, e perante toda a conjuntura atual em que vivemos, decidimos realizar um estudo sobre as atitudes em relação à imigração em Portugal, sendo portanto esta a temática da presente dissertação.

Apesar de Portugal ter voltado a ser considerado, nos últimos anos, um país de emigração e do número de imigrantes ter vindo a diminuir, a realidade é que o nosso país foi, como já foi referido anteriormente, um dos países mais afetados pela crise

económica e social que se abateu sobre a Europa. Para além disto, o governo português já manifestou a intenção de acolher 10000 refugiados no nosso país, tendo várias sondagens demonstrado que os portugueses estão divididos em relação ao seu acolhimento. Os imigrantes, sejam eles migrantes económicos ou refugiados vão, por isso, continuar a entrar em Portugal. O nosso país, para além de ser um país de emigração, vai continuar a ser também um país de imigração.

Desta forma, apesar de Portugal já ter sido considerado um dos países mais tolerantes em relação à imigração, a realidade é que todos problemas económicos e sociais que o país enfrenta podem ter contribuído para o aumento das atitudes negativas face aos imigrantes. É por isso essencial perceber se, no nosso país, as atitudes em relação à imigração continuam a ser, de um modo geral, positivas, ou se, pelo contrário, elas passaram a ser maioritariamente negativas.

Este trabalho será realizado junto de uma população de jovens estudantes do ensino secundário. Decidimos realizar o trabalho junto desta população visto que o processo de formação de atitudes ganha importância sobretudo na fase da adolescência. O período da adolescência é decisivo ao nível das atitudes, visto que, é entre o período do final da adolescência e os cerca de 30 anos de idade que as atitudes tendem a adquirir uma forma definitiva. A partir daí é ainda possível que ocorra a mudança de atitudes, mas essa torna-se mais difícil e complexa (Neto, 1998).

Esta dissertação irá estar dividida em 2 partes: enquadramento teórico e estudo empírico. No enquadramento teórico iremos começar por analisar a evolução das migrações no Mundo assim como a história da imigração em Portugal. De seguida iremos analisar os principais fatores que influenciam, de forma positiva ou negativa, as atitudes em relação aos imigrantes. Finalmente iremos analisar os resultados de vários estudos interculturais sobre este tema, assim como a sua evolução ao longo do tempo. Na segunda parte da dissertação (estudo empírico) iremos realizar o nosso estudo propriamente dito. Iremos começar por explicar o objetivo do estudo, de seguida iremos explicar a metodologia utilizada e, finalmente, iremos mostrar os resultados obtidos. Por fim iremos ainda realizar a respetiva discussão dos resultados e uma breve conclusão.

I - Enquadramento teórico e contextual

A evolução das migrações no Mundo

A globalização alterou profundamente o modo de funcionamento do Mundo em que vivemos. Não existem dúvidas de que este processo, que começou sobretudo na década de 80, teve como consequência o aumento das ligações entre os países, o que é evidenciado pela crescente circulação de bens, serviços e pessoas através das fronteiras (Curson, 2016).

Existem atualmente mais pessoas a viver fora dos seus países de origem do que em outro qualquer momento da história e prevê-se que este número continue a aumentar, em virtude dos vários desequilíbrios que assolam o Mundo, como é o caso do fenómeno dos refugiados (Pais, 1999).

Entre os principais fatores que serão responsáveis pela continuação das migrações internacionais nos próximos anos estão as falhas sistemáticas dos governos em reduzir as desigualdades económicas que levam à exclusão de certos segmentos das suas populações, a desigualdade económica entre os países mais ricos e os países menos desenvolvidos e também fatores como as guerras, os desastres naturais e as violações dos direitos humanos que ocorrem em certas partes do mundo, que obrigam as pessoas a abandonarem as suas casas e a procurar refúgio/asilo político em outros países.

Aliás, a “migração” é, de acordo com o dicionário *online* da Infopédia, a “deslocação de populações de uma região para outra, ou de um país para outro, geralmente por motivos económicos e sociais”.

No entanto, para a evolução das migrações no mundo também contribuem fatores como o crescente desenvolvimento dos meios de transporte e das telecomunicações, que tornam mais fáceis e mais acessíveis os movimentos migratórios (Neto, 2010).

Deste modo, na atualidade, podemos afirmar que quase nenhum país do mundo está imune ao fenómeno das migrações internacionais, bem como aos seus efeitos (Papademetriou, 2003).

Segundo a ONU, o número de migrantes internacionais alcançou em 2015 o valor recorde de 244 milhões, o que representa um aumento de 41% face ao registado no ano 2000. Este valor representou 3,3% da população mundial no ano de 2015, por comparação com 2,8% no ano 2000.

Dentro desta cifra, 20 milhões são refugiados, a maioria provenientes de países do Médio Oriente, como a Síria, o Iraque e o Afeganistão, mas também de países africanos, como a Líbia e a Somália.

Os refugiados e os solicitadores de asilo político são migrantes forçados a sair das suas casas para escapar ao conflito, à violência, à perseguição e aos desastres naturais (Curson, 2016).

A maioria das pessoas provenientes destes países procura refúgio na Europa, continente que tem sido severamente afetado com a chegada massiva de refugiados às suas fronteiras. Na realidade, desde a 2ª Guerra Mundial que não se assistia na Europa a um fluxo de refugiados com esta dimensão e complexidade.

Para além do facto de a Europa se encontrar a braços com a chamada “crise dos refugiados”, nos últimos anos a Europa foi também, como já foi referido anteriormente, severamente afetada por uma crise económica e social quase sem precedentes (só comparável com a designada “Grande Depressão” do ano de 1929), a qual provocou um aumento exponencial do desemprego em vários países europeus, entre os quais Portugal.

O desemprego afetou parcelas significativas da população portuguesa assim como as populações de vários outros países europeus, sendo que um dos grupos mais afetados foi precisamente o grupo dos mais jovens, com as taxas de desemprego jovem a atingir números ainda mais elevados do que as taxas de desemprego geral.

A imigração na União Europeia (UE)

As sucessivas crises que assolaram a União Europeia nos últimos anos têm levado a um cada vez maior questionamento do papel dos imigrantes nas nossas sociedades.

Os “imigrantes” podem ser definidos como “pessoas que se deslocaram de uma sociedade para outra e passaram a viver nesta nova sociedade” (Neto, 2010).

Existe muitas vezes a sensação de que os imigrantes, mais do que contribuírem para a resolução dos problemas das sociedades de acolhimento, são uma ameaça para o bem-estar económico e para a segurança dos seus cidadãos (Vala, Pereira e Ramos, 2006).

Na UE (União Europeia), o tema da imigração tem sido objeto de debate há décadas. Ao longo do tempo tem ocorrido uma oscilação entre períodos mais flexíveis e

períodos mais restritivos ao nível da imigração (Matos, Barbosa, Salgueiro e Machado, 2013).

Durante vários anos os imigrantes foram essenciais para preencher os vários défices de mão-de-obra que se verificavam em determinados setores, como a construção civil, a agricultura e os serviços domésticos, sobretudo para aqueles países que estavam a experienciar um rápido envelhecimento da sua população (Malheiros, 2011; Curson, 2016).

Atualmente, com o aumento do desemprego em quase todos os países europeus, os imigrantes já não constituem apenas mão-de-obra barata e desqualificada, sendo cada vez mais vistos como fazendo parte de um “exército de desempregados”, o que faz com que a sua presença seja cada vez mais questionada (Sayad, 1991, cit in, Pais, 1999).

Deste modo, nos últimos anos, as políticas de imigração da União Europeia tornaram-se mais restritivas, procurando sobretudo a atração de trabalhadores altamente qualificados (com o objetivo de trazer benefícios económicos para os países) e a imposição de maiores restrições aos cidadãos estrangeiros não documentados (Matos, Barbosa, Salgueiro e Machado, 2013).

Contudo, apesar de todos estes esforços para restringir os níveis de imigração, as migrações estão de facto a acontecer a um nível sem precedentes e a “imigração, o multiculturalismo e a integração” estão entre os principais desafios das sociedades modernas (Kessler et al., 2010, cit in, Murray e Marx, 2013).

A imigração em Portugal

Portugal foi considerado durante muitos anos um país de emigração.

Os primeiros fluxos imigratórios só tiveram o seu início na década de 60, época na qual se assistiu à chegada de um número considerável de cabo-verdianos ao nosso país (Oliveira e Neto, 2007). Nesta década vários portugueses emigraram para outros países em busca de melhores condições de vida e vários jovens portugueses foram mobilizados para a guerra colonial. Estes dois processos deixaram um enorme vazio em certos setores da economia, visto que não existiam trabalhadores suficientes para preencherem as necessidades de mão-de-obra. Deste modo as entidades governamentais portuguesas viram-se obrigadas a criar incentivos à imigração, com o objetivo de preencher os postos de trabalho disponíveis em certos setores de atividade, nomeadamente no setor da construção civil e das obras públicas. Os imigrantes cabo-

verdianos vieram, desta forma, trabalhar para o nosso país, em resultado dos incentivos concedidos pelas autoridades portuguesas (Vieira e Trindade, 2008; Neto, 2010; Silva, 2015).

No entanto, foi só após a designada “Revolução dos Cravos”, desencadeada no dia 25 de Abril de 1974, que, ao abrir as portas à independência das antigas colónias, permitiu que Portugal passasse a ser também um país de imigração (Vieira e Trindade, 2008).

A história das migrações em Portugal pode ser dividida em 4 fases.

A primeira fase é a fase da emigração. O apogeu do movimento de emigração decorreu entre o final da década de 60 e o início dos anos 70 do século XX (Peixoto, 2007).

A segunda fase é a fase da imigração proveniente dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) e do Brasil. Esta fase decorreu sobretudo entre o final dos anos 70 e o início da década de 90. Os fluxos migratórios provenientes destes países configuram aquilo a que se pode designar de “sistema migratório lusófono”. A maioria dos imigrantes provenientes destes países, sobretudo os africanos, apresentava baixos níveis de formação e de qualificação. No entanto, no caso dos brasileiros, alguns deles eram medianamente qualificados (Peixoto, 2007; Baganha, 2009).

As principais razões que levavam estes imigrantes, sobretudo os imigrantes africanos, a emigrar para Portugal eram os padrões socioeconómicos baixos assim como a instabilidade política que existia em muitos dos seus países de origem (Cardoso, 2006).

A terceira fase é a fase da imigração proveniente de países da Europa de Leste, que ocorreu sobretudo entre o final dos anos 90 e o início do século XXI. Os principais grupos de imigrantes da Europa de Leste a viver em Portugal eram provenientes da Ucrânia, da Moldávia, da Roménia e da Rússia. Os imigrantes provenientes destes países eram detentores, na sua grande maioria, de elevados níveis de formação e de qualificação (Malheiros, 2005, cit in, Silva, 2015).

No entanto quer os imigrantes provenientes dos países africanos e do Brasil, quer os imigrantes provenientes da Europa de Leste exerciam maioritariamente trabalhos pouco qualificados no setor da construção civil e, no caso das mulheres, nos serviços domésticos e no setor da restauração (Peixoto, 2002; Peixoto, 2007; Peixoto, Sabino e Abreu, 2009).

Nesta fase também começaram a chegar ao país imigrantes asiáticos, embora em muito menor número em relação aos outros grupos. Estes imigrantes trabalhavam essencialmente no ramo comercial independente e instalaram-se principalmente nas grandes cidades portuguesas, sobretudo nas cidades de Lisboa e Porto (Silva, 2015).

Finalmente a 4ª e última fase é aquela em que nos encontramos na atualidade. Nesta fase verifica-se uma diminuição do número de imigrantes em virtude, sobretudo, da crise económica que tem assolado o país, mas também de outros fatores como a obtenção de nacionalidade portuguesa (Peixoto, Sabino e Abreu, 2009; Silva, 2015).

Para além da diminuição do número de imigrantes no nosso país tem-se verificado também o processo inverso, isto é, o aumento da emigração por parte dos cidadãos nacionais, sobretudo após a crise financeira de 2008, que afetou severamente o nosso país, o que faz com que Portugal tenha voltado a ser considerado sobretudo um país de emigração (Silva, 2015).

A legislação da imigração em Portugal

Nos anos 80 as políticas de imigração em Portugal centraram-se quase exclusivamente na regulação dos fluxos migratórios. Só a partir dos anos 90 é que os sucessivos governos começaram a implementar políticas não só destinadas a regular os fluxos migratórios mas também destinadas a promover a integração dos imigrantes (Peixoto, Sabino e Abreu, 2009).

No início dos anos 90 a imigração ilegal em Portugal começou a revelar-se cada vez mais evidente. Na origem da imigração ilegal estavam fatores como as crescentes necessidades de mão-de-obra, falta de regulação do setor da construção civil e políticas de imigração mais restritivas. Como a maioria dos imigrantes era proveniente de países de língua oficial portuguesa, a proximidade linguística e cultural tornava fácil a estes imigrantes assegurar um emprego na economia informal (Peixoto, 2002; Peixoto, Sabino e Abreu, 2009).

A maioria dos imigrantes ilegais entrava em Portugal com um visto de curta duração e depois permanecia no país após o período de validade do visto ter expirado (Baganha, 2009; Peixoto, Sabino e Abreu, 2009).

Face a esta realidade, o governo português aprovou 2 processos de regularização extraordinária de imigrantes: um no ano de 1993 (no qual foram regularizados 39000 imigrantes) e o outro no ano de 1996 (no qual foram regularizadas mais 35000 pessoas).

A maioria destes imigrantes era proveniente de países de língua oficial portuguesa (Peixoto, Sabino e Abreu, 2009).

Estes processos de regularização foram tentativas de integrar milhares de imigrantes que se estimava estarem a viver ilegalmente em Portugal desde a segunda metade dos anos 80.

No entanto estes processos de regularização extraordinária não se revelaram muito eficazes, visto que deixaram de fora uma grande parte dos imigrantes em situação ilegal, em virtude da falta de informação e da excessiva burocracia, o que acabou por excluir uma parte significativa da população a residir em Portugal de forma ilegal (Peixoto, 2002).

Para além disto, estes processos de regularização extraordinária acabaram também por ser responsáveis pela atração de novos imigrantes em situação ilegal, com a esperança de poderem vir a ser legalizados num país da UE (União Europeia).

Em resposta a estas dificuldades o governo português aprovou em 1998 um decreto-lei no qual reduzia de 20 para 10 o número de anos necessários para a obtenção da “autorização de residência”, o documento que permitia aos imigrantes viver no país de forma permanente em situação plenamente legal (Peixoto, Sabino e Abreu, 2009).

Em 2001 foi criado em Portugal a “autorização de permanência”, que permitia aos imigrantes permanecerem no país durante um período máximo de 5 anos. Para os imigrantes poderem obter este tipo de visto era necessário possuírem um contrato de trabalho e um documento de registo criminal, que comprovasse a ausência de crimes cometidos no país. Esta lei também criminalizou a exploração de imigrantes em situação ilegal e instituiu a reunificação familiar como um direito, ou seja, foi concedida aos imigrantes a possibilidade de trazerem a sua família com eles, de forma completamente legal (De Sousa, 2002; Peixoto, Sabino e Abreu, 2009).

A aplicação desta lei resultou num aumento exponencial do número de imigrantes a residir de forma legal em Portugal, tendo este número passado de 208000 no ano de 2000 para 434000 no ano de 2003 (Peixoto, 2007).

Em Portugal, os imigrantes também podem ter o estatuto de refugiado, mediante a designada Lei do Asilo (Lei 15/98 de 1998), que permite a determinadas pessoas viver no nosso país como refugiadas, de acordo com as regras do Direito Público Internacional (Cardoso, 2006).

De acordo com o SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras), no ano de 2015 o número de imigrantes a residir legalmente em Portugal foi de 388731 pessoas, confirmando assim a tendência de decréscimo que tem sido verificada nos últimos anos (segundo esta instituição a população estrangeira residente em Portugal tem vindo a diminuir desde o ano 2010). Os principais fatores explicativos deste fenómeno são, como já foi referido anteriormente, a aquisição de nacionalidade portuguesa e o impacto da atual crise económica no mercado laboral, bem como a alteração de fluxos migratórios.

No que diz respeito às nacionalidades, a comunidade brasileira é a principal comunidade estrangeira residente em Portugal, totalizando 82500 cidadãos. De seguida aparece a comunidade cabo-verdiana, com um total de 38674 pessoas, e as comunidades ucraniana e romena, totalizando 35779 e 30523 pessoas, respetivamente.

A população estrangeira oriunda de países de língua oficial portuguesa representa atualmente 43,5% da população total de imigrantes.

Atitudes em relação à imigração

As atitudes são, sem dúvida, um dos grandes domínios da Psicologia Social. Tal como muitos outros conceitos que fazem parte do universo da Psicologia e, mais especificamente, da Psicologia Social, as atitudes não possuem uma definição concreta, visto que quase todos os autores que trataram este tópico avançaram com uma (Neto, 1998). No entanto podemos citar a definição dada por Fishbein e Azjen (1975, cit in, Neto, 1998, p. 340) que definem a atitude como sendo “uma predisposição aprendida para responder de modo consistentemente favorável ou desfavorável em relação a um objeto”.

As atitudes podem ser dirigidas a objetos diversos. Podem ser dirigidas a objetos tangíveis (exº: casas, automóveis), pessoas, grupos ou ideias abstratas (exº: democracia, justiça) (Neto, 1998). Neste trabalho o foco irá estar centrado nas atitudes em relação aos imigrantes, ou seja, nas atitudes perante um grupo.

Em seguida vamos falar dos principais fatores que influenciam, de forma positiva ou negativa, as atitudes em relação aos imigrantes.

Fatores que influenciam as atitudes em relação à imigração

Ao longo do tempo, vários investigadores realizaram diversos estudos sobre as atitudes em relação aos imigrantes, procurando determinar as razões que levam a que os

cidadãos manifestem atitudes positivas em relação aos imigrantes ou, pelo contrário, os cidadãos acabem por manifestar atitudes negativas em relação a estes.

Os resultados dos diversos estudos têm demonstrado a existência de vários fatores que influenciam as atitudes em relação aos imigrantes. Esses fatores podem ser de diversas ordens: económicos, culturais, políticos, sociodemográficos, entre outros.

Em seguida vamos analisar todos estes fatores de forma mais detalhada, de forma a percebermos o seu impacto nas atitudes em relação à imigração.

Fatores económicos

Os nativos receiam muitas vezes que os imigrantes influenciem negativamente a sua estabilidade económica. (McDaniel, Nooruddin e Shortle, 2011).

Deste modo, os imigrantes são muitas vezes percebidos como uma ameaça ao bem-estar económico assim como à segurança dos cidadãos. É frequente os imigrantes serem associados às questões do emprego, aos salários, aos serviços públicos bem como à qualidade desses mesmos serviços (Vala, Pereira e Ramos, 2006).

Os nativos percebem frequentemente os imigrantes como uma ameaça visto que temem que estes limitem ainda mais os postos de trabalho disponíveis, assim como a quantidade e a qualidade dos serviços públicos. A este tipo de ameaça dá-se o nome de “ameaça real” (Vala, Pereira e Ramos, 2006; Stephan, Ybarra e Bachman, 1999, cit in, Valentova e Alieva, 2014).

Deste modo, as atitudes ou os comportamentos negativos em relação aos imigrantes podem ser vistos como sendo reações instrumentais destinadas a remover ou a reduzir a sensação de competição (Cohrs e Stelzl, 2010).

As atitudes em relação à imigração variam substancialmente consoante as condições económicas dos países. Em períodos em que os cenários económicos são favoráveis, o sentimento negativo face aos imigrantes diminui, visto que existe um maior número de oportunidades e, conseqüentemente, uma menor competição no mercado laboral (Rustenbach, 2010; Olmos e Garrido, 2013).

Já em períodos de crise económica e social, como o que estamos a viver atualmente, os imigrantes tendem a ser vistos de forma negativa, sobretudo pelas pessoas provenientes de níveis socioeconómicos mais baixos, visto que estas pessoas ocupam, tal como a generalidade dos imigrantes, postos de trabalho pouco qualificados,

o que faz com exista uma certa competição pelo mercado laboral (Olmos e Garrido, 2013; Murray e Marx, 2013).

Na procura/na luta por recursos escassos, as pessoas começam a trabalhar arduamente para ganhar vantagens políticas e económicas para o seu próprio grupo. Quando um ou mais grupos minoritários ameaçam o grupo maioritário numa competição pelos recursos, os membros do grupo maioritário começam a exibir atitudes negativas em relação aos outros grupos (Bohman e Hjerm, 2014).

Para além disto, nestes períodos de crise, as pessoas tendem também a procurar culpados para a situação difícil em que estão a viver, responsabilizando frequentemente os imigrantes pelos seus problemas económicos (Rustenbach, 2010).

De acordo com a Teoria da Ameaça Intergruppal, a dimensão deste fenómeno é tanto maior quanto maior for o tamanho da população imigrante. Este fenómeno decorre do facto de os nativos temerem a perda de direitos políticos, económicos e sociais quando confrontados com o aumento da população imigrante. Deste modo, quanto maior for o tamanho dessa mesma população maior é a percepção de ameaça e, conseqüentemente, maiores são as atitudes anti-imigração (Quillian, 1995, cit in, Rustenbach, 2010).

Fatores culturais

A diversidade cultural é muitas vezes apontada nos media, nos discursos diários e nos debates políticos, como sendo uma ameaça, o que, por sua vez, serve como justificação para o preconceito e a discriminação face aos imigrantes (Fasel, Green e Sarrasin, 2013).

De facto, para além das questões económicas é também frequente associar os imigrantes, principalmente os imigrantes provenientes de culturas distintas, como sendo um perigo para os valores, os comportamentos e os costumes da sociedade dominante. A este tipo de ameaça dá-se o nome de “ameaça simbólica”. Como já foi referido anteriormente, nos últimos anos este fenómeno tem acontecido sobretudo com os imigrantes muçulmanos, que têm sido vistos como uma ameaça à segurança e à identidade da “civilização ocidental” (Vala, Pereira e Ramos, 2006; Stephan, Ybarra, Martinez, Schwarzwald, and Tur-Kaspa (1998), cit in, Valentova e Alieva, 2014).

Para exemplificarmos melhor esta questão podemos citar um estudo realizado em Espanha, por Olmos e Garrido (2013), que mostrou que a diferença cultural entre os nacionais e os estrangeiros também é um fator a ter em conta no que diz respeito às

atitudes em relação à imigração. Este estudo mostrou que os nativos apresentam uma maior simpatia pelos imigrantes que apresentam semelhanças ao nível do idioma e da religião, por comparação com os outros tipos de imigrantes.

No caso dos espanhóis eram os latino-americanos os imigrantes preferidos devido à sua semelhança na língua/idioma e na religião. Já os africanos eram o grupo pior avaliado, devido à distância cultural a que se lhes atribui e devido também ao facto de serem a maioria dos imigrantes ilegais no país.

O desconhecimento da cultura constitui-se frequentemente como um factor chave na hora de criar ou de consolidar estereótipos negativos face a determinados grupos de imigrantes.

No entanto, por outro lado, o contacto intercultural tem sido apontado como uma das principais razões para a existência de atitudes mais positivas face aos imigrantes. De acordo com a Teoria do Contacto Intergrupar, a maior presença de imigrantes proporciona maiores oportunidades de contacto, incluindo a possibilidade de construir amizades com essas pessoas. O contacto intercultural mais frequente leva a uma diminuição da ansiedade intergrupar, o que, por sua vez, produz percepções diminuídas de ameaça e atitudes mais positivas em relação à imigração (Dixon and Rosenbaum 2004, cit in, Berg, 2010).

Quanto mais intenso e duradouro for o contacto menores são os níveis de xenofobia (Olmos e Garrido, 2013). É possivelmente por esta razão que as pessoas que vivem em áreas urbanas (locais onde existe normalmente uma grande percentagem de cidadãos estrangeiros residentes) tendem a ter atitudes mais positivas perante a imigração, devido à maior probabilidade de estabelecerem contactos interculturais (Moller, Munch, Schroll e Skaksen, 2009; Berg, 2010).

A aceitação/não aceitação da ideologia multicultural é outro dos factores culturais a ter em conta. A aceitação da ideologia multicultural leva a uma menor sensação de ameaça e, conseqüentemente, a atitudes mais positivas em relação aos imigrantes (Ward e Masgoret, 2006).

O conceito de “ideologia multicultural” refere-se à orientação geral que os indivíduos apresentam relativamente à vida numa sociedade culturalmente plural. Enquanto que, para algumas pessoas, a diversidade pode ser considerado algo positivo, para outras pode ser algo extremamente irritante (Neto, 2009).

As pessoas são a favor do multiculturalismo quando elas vêem-no como sendo benéfico para o grupo ao qual pertencem e opõem-se a ele quando pensam que vai

prejudicar os interesses do seu grupo. Deste modo os grupos minoritários tendem a suportar mais as atitudes perante o multiculturalismo quando comparados com os outros grupos (Sprague-Jones, 2011).

Fatores políticos

O conservadorismo político também é um preditor da percepção de ameaça, sendo mais visível nas pessoas que se identificam com a direita política do que as pessoas que se identificam com a esquerda. As pessoas que, em termos políticos, estão mais inclinadas para a esquerda apresentam, geralmente, atitudes favoráveis à imigração. Já as pessoas que politicamente se encontram mais inclinadas para a direita apresentam, normalmente, atitudes mais negativas em relação à imigração (Vala, Pereira e Ramos, 2006; Rustenbach, 2010; McDaniel, Nooruddin e Shortle, 2011).

Isto acontece devido ao facto de os partidos políticos de direita tenderem a promover políticas de imigração mais rigorosas assim como a reforçar estereótipos negativos em relação aos imigrantes, nomeadamente o facto de serem uma ameaça à estabilidade económica e cultural (Rustenbach, 2010).

É de realçar sobretudo a presença de partidos políticos de extrema-direita, visto que a votação neste tipo de partidos tem sido associada com o aumento/a intensificação das atitudes anti-imigração. A presença de um elevado número de imigrantes com traços culturais distintos dos da sociedade de acolhimento (devido a factores como a religião e os costumes) aliada a um contexto de crise e desemprego que a Europa vem atravessando, tem favorecido a proliferação destes movimentos políticos, que promovem a xenofobia e a exclusão, e que podem contribuir assim para o aumento das atitudes negativas face à imigração (Neto e Ruiz, 1998).

É precisamente em épocas de crise, como a que vivemos atualmente, que estes partidos políticos, mais extremistas, com posições frequentemente racistas, xenófobas e anti-imigração, conseguem melhores resultados eleitorais, o que tem sido sistematicamente verificado nas sucessivas eleições que têm ocorrido na Europa. Foram estes partidos que mais beneficiaram, nos últimos anos, da crise económica atual, ao ponto de se converterem num dos fenómenos políticos mais importantes da atualidade (Olmos e Garrido, 2013).

O considerável sucesso eleitoral dos partidos anti-imigração mostra que, na Europa, existe um número substancial de cidadãos que percebe a imigração como sendo algo que traz consequências negativas para os seus países, o que os leva a preferir

uma política de imigração mais restritiva (Cornelius e Rosenblum, 2005, cit in, Meuleman, Davidov e Billiet, 2009).

No entanto é de realçar que, mesmo em países onde estes partidos não têm relevância política, como é o caso de Espanha e do Reino Unido, os partidos de centro-direita têm, nos últimos anos, adoptado medidas que reduzem os direitos dos imigrantes e que tornam mais difícil a imigração para estes países. Desta forma, podemos concluir que, mesmo não alcançando o poder diretamente, estes partidos políticos foram bem-sucedidos no que se refere ao debate sobre a imigração (Sprague-Jones, 2011).

Outro dos fatores políticos que podemos realçar são as diferentes políticas aplicadas pelos Estados relativamente à imigração, nomeadamente as políticas de cidadania. Um estudo realizado por Barber, Fennely e Torney-Purta (2013) mostrou que o suporte dos adolescentes pelos direitos dos imigrantes foi menor em países com políticas de cidadania mais restritivas.

Neste estudo ficou demonstrado que os adolescentes que viviam na Alemanha, na Suíça e na Hungria manifestaram um apoio reduzido aos direitos dos imigrantes, o que coincidia com o facto de estes países serem precisamente aqueles que apresentavam as políticas de cidadania mais restritivas.

Fatores sociodemográficos

Género

As mulheres são mais propensas a apresentar atitudes positivas em relação aos imigrantes por comparação com os homens. Uma das razões apontadas para que isto aconteça é o facto de as mulheres tenderem a ver os imigrantes como sendo pessoas que necessitam de ajuda num novo país, enquanto os homens vêem-nos sobretudo como competidores económicos (Neto, 2009; Berg, 2010; McDaniel, Nooruddin e Shortle, 2011).

Educação/Nível socioeconómico

A educação tem um efeito positivo ao nível das atitudes em relação aos imigrantes. Geralmente, as pessoas que têm níveis de educação mais elevados tendem a ser mais positivas em relação à imigração. Já as pessoas com menores níveis de educação e de qualificação tendem a manifestar uma maior oposição à imigração. Uma das justificações para este fenómeno é o facto de que, enquanto as pessoas com

qualificações mais elevadas não têm, normalmente, de competir com os imigrantes pelos empregos, as pessoas com menores níveis de educação estão mais susceptíveis à pobreza e ao desemprego e, por estas razões, receiam que os imigrantes limitem ainda mais o acesso aos recursos existentes (Berg, 2010; Rustenbach, 2010; McDaniel, Nooruddin e Shortle, 2011).

Outra das justificações possíveis é o facto de as pessoas mais educadas poderem ser menos propensas a acreditar nos estereótipos negativos associados aos vários grupos de imigrantes, e poderem também ter acesso a informação mais confiável sobre as vantagens e desvantagens da imigração (Berg, 2010).

Finalmente, o processo educativo pode ensinar as pessoas a expressar uma maior tolerância em relação a pessoas de outras etnias e culturas e, conseqüentemente, dissuadir qualquer tipo de sentimentos anti-imigração (Berg, 2010; Rustenbach, 2010).

Religião

Ao nível da religião os resultados são um pouco contraditórios. Enquanto alguns estudos mostram que a religião tem uma influência positiva nas atitudes em relação à imigração, outros mostram que a religião tem uma influência negativa nessas mesmas atitudes.

Deste modo, enquanto alguns estudos mostram que são as pessoas religiosas as que são mais propensas para apresentar atitudes prejudiciais em relação aos imigrantes (McDaniel, Nooruddin e Shortle, 2011; Anderson e Antalikova, 2014), outros estudos mostram exatamente o oposto: são as pessoas não-religiosas as que apresentam atitudes mais negativas em relação à imigração (Bohman e Hjerm, 2014; Doebler, 2014).

Uma das justificações apontadas para as pessoas religiosas serem menos favoráveis à imigração é o facto de que, quanto maior for a identificação destas pessoas com o seu grupo religioso maior é a sua aversão em relação a pessoas com outras filiações religiosas. Este fenómeno é ainda mais evidente quando os membros de outros grupos religiosos desafiam os valores e as normas do grupo religioso dominante. Neste caso a percepção de ameaça pode resultar em preconceito face a outros grupos, nomeadamente em relação ao grupo dos imigrantes (especialmente quando os imigrantes seguem confissões religiosas distintas) (Bloom, Arian e Courtemanche, 2015).

Deste modo, a religião funciona como uma marca para indicar quem faz parte do grupo e quem não faz. O conservadorismo religioso tem, portanto, um papel essencial

na apresentação de atitudes negativas face aos imigrantes (McDaniel, Nooruddin e Shortle, 2011).

Por outro lado, alguns investigadores têm demonstrado que o aumento da religiosidade reduz o sentimento negativo face à imigração (McDaniel, Nooruddin e Shortle, 2011). Tendo em conta que todas as religiões principais promovem a benevolência e a compaixão pelos mais desfavorecidos/necessitados, assim como os valores da solidariedade, do altruísmo e da misericórdia, a interiorização destes ensinamentos/destas crenças religiosas por parte dos devotos pode, deste modo, contribuir para o desenvolvimento de sentimentos mais positivos em relação aos imigrantes (Bloom, Arikan e Courtemanche, 2015).

As investigações mostram ainda diferenças dentro do grupo das pessoas religiosas.

Em primeiro lugar são claras as diferenças entre religiosos fundamentalistas e religiosos não-fundamentalistas. Por fundamentalismo entende-se o facto de se considerar a existência de apenas uma única religião verdadeira. Enquanto as pessoas religiosas não-fundamentalistas parecem internalizar os ensinamentos morais da sua religião, como é o caso dos ensinamentos cristãos da tolerância e do “amor ao próximo”, o que, por sua vez, leva a atitudes mais positivas em relação à imigração, os fundamentalistas religiosos apresentam uma forte intolerância perante os imigrantes (Doebler, 2014).

Para além disto há ainda que fazer a distinção entre os religiosos praticantes e os religiosos não-praticantes. Por exemplo, um estudo mostra que os Protestantes não-devotos, ou seja, aqueles que não frequentam regularmente a Igreja, apresentam uma probabilidade muito maior de se mostrarem mais intolerantes em relação aos imigrantes por comparação com os outros Protestantes. Este fenómeno decorre do facto de os Protestantes não-devotos não praticarem a sua religião, mas utilizarem-na como uma marca identitária contra outros grupos étnicos e religiosos (Doebler, 2014).

O tipo de religião/a corrente religiosa também aparecem associados a esta questão. Por exemplo, alguns estudos mostram que, nos países de maioria Protestante, as pessoas religiosas apresentam níveis ainda mais baixos de atitudes anti-imigração, por comparação com os seus compatriotas não-religiosos. Já nos países de maioria Católica, o efeito positivo da religião é mais moderado. A justificação para que isto aconteça é o facto de que, enquanto nos países Protestantes, a religião é sobretudo uma questão pessoal, no qual a ênfase é colocada sobretudo no indivíduo, nos países de

maioria Católica, a religião é considerada fundamental para a coesão social (Bohman e Hjerm, 2014).

No entanto, mais uma vez, os resultados mostram-se contraditórios. Um outro estudo mostra que os Protestantes são mais intolerantes em relação aos imigrantes, comparativamente com as pessoas não-religiosas (Doebler, 2014).

Para além disto, várias investigações têm demonstrado que os membros de grupos religiosos minoritários apresentam menores atitudes anti-imigração do que os membros de grupos religiosos majoritários. A justificação dada para este resultado é o facto de estas pessoas sentirem-se muitas vezes discriminadas, o que faz com que tenham compaixão e empatia pelos membros de outras minorias religiosas (McDaniel, Nooruddin e Shortle, 2011; Doebler, 2014).

Finalmente, a homogeneidade religiosa também tem influência neste processo. Deste modo, em contextos mais religiosamente homogêneos as atitudes anti-imigração são mais elevadas entre o grupo dos religiosos comparativamente com contextos onde existe uma maior diversidade religiosa. Quanto maior é a percentagem de pessoas pertencentes à religião majoritária maiores são as atitudes anti-imigração entre o grupo dos religiosos (Bohman e Hjerm, 2014).

Outros fatores

Influência dos pais

Como já foi referido anteriormente, a adolescência é um período muito importante ao nível da formação das atitudes em relação à imigração. O desenvolvimento das atitudes intergrupais, como é o caso das atitudes em relação aos imigrantes, é uma tarefa de desenvolvimento importante durante a adolescência.

Existem várias formas através das quais os pais podem influenciar as atitudes dos seus filhos. Em primeiro lugar os pais podem comunicar ativamente as suas opiniões em relação a outros grupos. Em segundo lugar os pais podem mostrar abertamente comportamentos discriminatórios, ao tratar os membros de outros grupos de forma diferente dos membros do seu próprio grupo social. E, em terceiro lugar, os pais podem discriminar os membros de outros grupos de forma inconsciente (Gniewosz e Noack, 2015).

A literatura tem demonstrado que os pais influenciam as atitudes dos adolescentes em relação aos imigrantes ao longo do tempo, situando-se o período de

influência máxima no início da adolescência. A partir daqui a influência dos pais diminui ao longo do tempo. Isto acontece porque os adolescentes começam a escolher o seu ambiente social de forma mais ativa e, ao mesmo tempo, outros contextos, como é o caso do grupo de pares, tornam-se mais importantes e aumentam o seu impacto, o que pode desencadear a diminuição da influência parental.

É portanto na fase inicial da adolescência que os pais podem moldar o desenvolvimento das atitudes dos seus filhos (Gniewosz e Noack, 2015).

Influência dos pares

Os colegas têm também um papel crucial no desenvolvimento das atitudes em relação aos imigrantes na adolescência.

Nesta fase da vida, já não são as figuras parentais, mas sim os pares e a educação formal (nomeadamente, através dos professores), que influenciam o processo de formação das atitudes (Neto e Ruiz, 1998).

Os adolescentes tendem a ser seletivos na escolha das suas amizades. Os adolescentes que apresentam atitudes xenofóbicas tendem a seleccionar amigos com níveis de xenofobia semelhantes. Este tipo de adolescentes, com atitudes mais negativas face à imigração, tende a desenvolver atitudes ainda mais xenofóbicas ao longo do tempo (Walter van Zalk, Kerr, Nejra van Zalk e Stattin, 2013).

Já os adolescentes que apresentam uma maior tolerância face à imigração tendem a preferir interagir com outros jovens que apresentam níveis similares de tolerância, o que os leva a seleccionar como amigos. Fazer amizades com estes jovens pode levar a um reforço ainda maior das atitudes positivas face à imigração. Ao promover a tolerância nos grupos de pares, um contexto que se torna cada vez mais saliente durante a adolescência, é possível reduzir as atitudes xenofóbicas face aos imigrantes.

Os adolescentes que possuem antepassados imigrantes apresentam uma maior tolerância face à imigração comparativamente com os adolescentes que não possuem origens imigrantes. Para além disto, também já ficou comprovado que quanto mais amigos imigrantes os adolescentes possuem, maior é a sua tolerância em relação à imigração. Estes factos estão de acordo com a Teoria do Contacto Intergrupar, que mostra que fazer amizades com imigrantes aumenta os sentimentos positivos em relação a estes, o que permite desenvolver atitudes mais tolerantes em relação à imigração (Walter van Zalk, Kerr, Nejra van Zalk e Stattin, 2013).

Estudos interculturais sobre as migrações e sua evolução

Nos últimos anos têm sido realizados vários estudos sobre as atitudes face aos imigrantes em diversos países, e também sobre a evolução dessas mesmas atitudes ao longo do tempo.

Os resultados têm demonstrado que as atitudes negativas face aos imigrantes estão bastante difundidas nos países ocidentais, com vários países a experienciar um aumento das atitudes anti-imigração nos últimos anos (Rustenbach, 2010; Fasel, Green e Sarrasin, 2013).

Os estudos interculturais têm demonstrado diferenças nas atitudes em relação aos imigrantes consoante os países. Uma das conclusões principais dos estudos foi o facto de os países da Europa de Leste tenderem a ser mais intolerantes em relação à imigração do que os países da Europa Ocidental (Pais, 1999; Doebler, 2014).

No entanto, um estudo da autoria de O'Rourke, realizado no ano de 2002, mostrou que, mesmo em sociedades tradicionalmente mais liberais em questões de imigração, como é o caso dos países nórdicos, da Holanda e da Grã-Bretanha, as atitudes têm-se tornado cada vez mais duras em relação aos imigrantes (O'Rourke, 2002, cit in, Neto, 2009).

Alguns países do Sul da Europa também têm exibido elevados níveis de intolerância face aos imigrantes, sobretudo nos últimos anos.

Em Espanha, um estudo realizado por Olmos e Garrido em 2013 mostrou que em 1996 existia uma postura maioritariamente favorável em relação à imigração, visto que a maioria dos espanhóis julgavam-na como necessária e não como excessiva. No entanto a análise da evolução das atitudes face à imigração entre o ano de 1997 e o ano de 2007 mostrou um aumento das atitudes anti-imigração, ou seja, uma maior rejeição em relação aos imigrantes.

Em Itália, considerado o país do Sul da Europa que mais imigrantes recebeu, verificou-se nos últimos anos um aumento acentuado das atitudes negativas perante a imigração e o surgimento de vários partidos políticos anti-imigração com grande sucesso eleitoral (Pettigrew, 1998, cit in, Sprague-Jones, 2011).

Já em Portugal os resultados dos estudos têm sido contraditórios.

Tradicionalmente, Portugal tem sido considerado um país tolerante em relação à diversidade cultural, tendo prevalecido as atitudes positivas em relação à imigração. Uma das razões apontadas para este fenómeno é o facto de Portugal ter uma longa história de contacto com outras culturas. No entanto a intolerância tem vindo a aumentar nos últimos anos (Neto, 2009).

Um estudo realizado por José Machado Pais (1999) mostrou que os jovens portugueses se revelaram mais tolerantes em relação aos imigrantes do que os jovens de outros países europeus, incluindo ao nível dos direitos sociais, como por exemplo, ao nível da concessão do direito de voto aos imigrantes.

Na mesma linha, um outro estudo, realizado por Félix Neto e por Elisabete Oliveira (2007), junto de um grupo de jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, mostrou que os adolescentes apresentavam uma atitude predominantemente positiva em relação aos imigrantes.

Já outros estudos, como o realizado por Vala, Pereira e Ramos (2006) mostraram que, em Portugal, a oposição à imigração é maior do que nos outros países da União Europeia (UE), tendo Portugal sido, aliás, o único país onde se verificou uma maior oposição do que abertura à imigração.

Na mesma linha, um outro estudo, realizado com o objetivo de fazer uma análise da evolução das atitudes em relação aos imigrantes em diferentes países europeus entre o ano de 2002 e o ano de 2007, colocou Portugal no grupo de países com as atitudes menos favoráveis em relação à imigração, juntamente com a Hungria, a Áustria e a Polónia, o que pode indiciar que, nos últimos anos, as atitudes em relação aos imigrantes tornaram-se mais duras no nosso país (Meuleman, Davidov e Billiet, 2009).

Uma das explicações normalmente apontadas para estes resultados é o facto dos países do Sul da Europa e da Europa de Leste serem países com uma longa história de emigração que, só recentemente, experienciaram um fenómeno de imigração considerável. De facto, os resultados mostram que, em países onde se registaram, recentemente, altos níveis de imigração, como é o caso da Espanha, as atitudes perante a imigração parecem terem-se tornado mais restritivas (Meuleman, Davidov e Billiet, 2009).

Outra das explicações normalmente apontada para estes resultados é o facto de, nos últimos anos, ter ocorrido um aumento significativo da taxa de desemprego nestes países.

De facto, em áreas onde existe uma elevada competição pelo mercado laboral, decorrente de fatores como as elevadas taxas de desemprego, os nativos tendem a apresentar atitudes mais negativas em relação à imigração (Rustenbach, 2010).

No caso português é ainda referenciado o facto de a informação relacionada com o impacto positivo da imigração na economia ainda não ter sido suficientemente disseminada (Almeida 2003, cit in, Vala, Pereira e Ramos, 2006).

II - Estudo empírico

Problemática

Objetivo do estudo

Um estudo realizado por Félix Neto e por Fátima Ruiz (1998) sobre as atitudes pré-xenófobas em adolescentes já demonstrava, na altura, a preocupação dos jovens europeus face à crise económica e ao aumento do desemprego existente, o que, por si só, já era considerado suficiente para o aumento do racismo e da xenofobia entre as camadas mais jovens da população, devido à falta de perspetivas de futuro ou de umas perspetivas bastante aquém das expectativas. Este cenário era, portanto, considerado propício para o surgimento de bodes expiatórios, do qual os imigrantes seriam as principais vítimas, podendo estes facilmente serem alvo de ações violentas de carácter individual ou coletivo.

Se em 1998 o cenário já não era animador, onde apesar de tudo a situação económica e social era melhor, imagine-se o que pode acontecer no quadro económico e social que experienciamos atualmente. De facto, desde 2008 que a Europa e sobretudo os países com economias mais frágeis, como Portugal, mergulharam numa crise profunda, quase sem precedentes. Esta crise económica levou a um aumento exponencial do desemprego em vários países europeus, afetando sobretudo os mais jovens.

Ao mesmo tempo, e à medida que as populações experienciavam um descontentamento cada vez maior com o sistema político em vigor, os partidos tradicionais, do centro do espectro político, foram perdendo cada vez mais apoio

popular, enquanto os partidos dos extremos do espectro político foram ganhando cada vez mais força.

Neste caso importa realçar sobretudo os avanços dos partidos de extrema-direita por toda a Europa devido ao facto de serem partidos maioritariamente xenófobos e de, como já vimos anteriormente, estarem fortemente relacionados com atitudes anti-imigração. O crescente avanço destes partidos políticos pode levar a situações de violência contra os imigrantes, como aliás já tem acontecido em alguns países europeus.

No caso português, que é o que interessa analisar neste trabalho, a situação pode felizmente ser um pouco diferente. De facto, como já foi referido anteriormente, Portugal é um país tradicionalmente caracterizado pela tolerância e pela hospitalidade face aos estrangeiros. Além disso Portugal não tem tradição política no que diz respeito a partidos de extrema-direita, o que pode funcionar como mais um elemento que ajude a manter esta realidade. No entanto, como já foi também referido anteriormente, a intolerância tem aumentado recentemente, com alguns estudos a apontar mesmo para uma forte oposição à imigração no nosso país.

Desta forma, e perante este grave contexto económico e social, torna-se fundamental perceber como estão as atitudes dos jovens portugueses em relação aos imigrantes, verificando se continuam a ser positivas ou se, pelo contrário, passaram a ser negativas, sendo também fundamental entender qual é a influência de variáveis como o género, a religião e o nível socioeducativo nas atitudes em relação aos imigrantes e à imigração.

Hipóteses

De acordo com o objetivo deste estudo e tendo em conta os resultados da revisão bibliográfica efetuada decidimos formular as seguintes hipóteses:

H1: Os jovens apresentam, de um modo geral, atitudes globalmente positivas em relação à imigração.

H2: As raparigas apresentam atitudes mais favoráveis à imigração do que os rapazes.

H3: Os jovens que se consideram, relativamente à sua posição face à religião, como sendo não crentes e não praticantes apresentam atitudes mais favoráveis à

imigração do que os jovens que se consideram crentes praticantes ou crentes não-praticantes.

H4: Jovens provenientes de níveis socioeducativos mais baixos apresentam atitudes mais negativas em relação à imigração do que os jovens provenientes de níveis socioeducativos mais elevados.

III - Metodologia

Amostra

A amostra inicial era composta por 201 participantes. No entanto, devido ao facto de alguns jovens não terem preenchido corretamente os questionários utilizados para a recolha de dados ou devido ao facto de alguns dos participantes não terem nascido em Portugal nem possuírem nacionalidade portuguesa, optou-se por excluir 6 participantes da amostra final. A amostra total deste estudo é portanto constituída por 195 participantes, todos eles estudantes do ensino secundário, com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos ($M=16,90$; $DP=0,55$). A maioria dos participantes neste estudo tinha uma idade igual a 17 anos (68,2%), seguida dos participantes com 16 anos (20,5%) e finalmente dos participantes com 18 anos de idade (10,3%). Em termos de sexo, a maioria dos participantes deste estudo pertencia ao sexo masculino (56,4%) enquanto que as participantes do sexo feminino representavam 43,1% da amostra.

Quanto à escolaridade do pai verifica-se que 54,3% dos pais dos inquiridos apresentam níveis de escolaridade inferiores ao ensino secundário (até ao 3º ciclo do ensino básico) enquanto que 44,6% apresentam níveis de escolaridade iguais ou superiores ao ensino secundário (ensino secundário e superior).

Já no que diz respeito à escolaridade da mãe constatamos que 45,1% das mães apresentam níveis de escolaridade inferiores ao ensino secundário (até ao 3º ciclo do ensino básico) enquanto que 53,3% apresentam níveis de escolaridade iguais ou superiores ao ensino secundário (ensino secundário e ensino superior), o que demonstra que, de um modo geral, as mães dos participantes apresentam níveis de escolaridade superiores aos dos pais.

Finalmente, ao nível da religião verifica-se, em primeiro lugar, que 15,4% dos jovens inquiridos não responderam a esta questão, podendo-se depois constatar que a maioria dos jovens que responderam à questão consideram-se, relativamente à sua posição perante a religião, como sendo crentes não-praticantes (37,4%), seguindo-se os jovens que se consideram crentes praticantes (27,7%) e por fim os jovens que não se consideram nem crentes nem praticantes (19,5%).

Instrumentos

O instrumento utilizado para a realização deste estudo foi um questionário. Este questionário pretendia recolher informação sobre diferentes tipos de atitudes relacionadas com a imigração:

- 1) *Atitudes em relação à diversidade social e à participação*, que integra a escala da “ideologia multicultural”, composta por 10 itens (ex: “Os portugueses deveriam reconhecer que a diversidade cultural é uma característica fundamental da sociedade portuguesa”). Esta escala apresentou uma consistência interna de 0.62;
- 2) *Atitudes em relação à equidade social*, que integra a escala da “tolerância”, composta por 7 itens (ex: “Os imigrantes recentes deveriam ter tanto a dizer acerca do futuro de Portugal como as pessoas que nasceram e foram educadas aqui”). Esta escala apresentou uma consistência interna igual a 0.64;
- 3) *Clima de imigração*, que integra as “consequências percebidas da imigração”, que é uma escala constituída por 11 itens (ex: “A imigração aumenta a inquietação social”) e que apresentou uma consistência interna de 0.83; as “atitudes em relação ao tipo de imigrantes”, composta por 2 sub-escalas - uma relativa à preferência de imigrantes, com um total de 5 itens (ex: “Devemos dar preferência a imigrantes com um elevado nível de educação”) e com uma consistência interna igual a 0.76 - e outra relativa à proibição de imigrantes - com um total de 8 itens (ex: “Devemos proibir a entrada de imigrantes que sejam culturalmente diferentes da maioria dos portugueses”) e com um coeficiente alfa igual a 0.87; e as “atitudes em relação a grupos etnoculturais”, composta por 19 itens (ex: Por favor, atribua um número entre 0 e 100 para indicar a sua atitude acerca dos Alemães, Americanos (EU),

Angolanos, Brasileiros, etc.”) e que apresentou uma consistência interna igual a 0.96.

Na parte final do questionário era colocado um conjunto de questões com vista a recolher informações demográficas dos sujeitos (idade, género, posição face à religião, escolaridade dos pais e local de nascimento).

Procedimento

O investigador solicitou aos diretores de um colégio autorização para poder recolher dados junto de estudantes do ensino secundário. Após as devidas autorizações por parte da direção do colégio a recolha de dados foi iniciada. Como já foi referido anteriormente o instrumento utilizado para a recolha de dados foi um questionário. A administração do questionário foi executada pelo investigador em contexto de sala de aula. Em cada uma das turmas o investigador começou por se auto-apresentar e por explicar aos alunos o motivo da sua presença, assim como o objetivo do seu estudo. Em seguida o investigador começou por informar que a participação no estudo era voluntária e que as respostas eram confidenciais, explicando em seguida a forma como estava organizado o questionário. Posteriormente o investigador mostrou-se disponível para esclarecer eventuais dúvidas dos estudantes e entregou os respetivos questionários, permanecendo na sala de aula até que todos os participantes tivessem entregado o respetivo questionário. Ao todo foram recolhidos dados em 10 turmas distintas, tendo a recolha de dados ocorrido no mês de Outubro de 2015.

IV - Resultados

Resultados globais

Passemos agora a analisar os resultados obtidos. Tal como já foi referido anteriormente, a primeira hipótese deste estudo defendia que os jovens apresentavam, de um modo geral, atitudes positivas em relação à imigração. No quadro 1 são apresentados os resultados globais para cada uma das dimensões analisadas.

Quadro 1 – Estatísticas descritivas e α de Cronbach das atitudes em relação à imigração em jovens portugueses

Dimensão	Total			Nº de Itens	α de Cronbach
	N	Média	Desvio-padrão		
Ideologia Multicultural	192	5,00	0,75	10	.62
Tolerância	190	5,20	0,89	7	.64
Consequências Percepcionadas da Imigração	193	4,52	1,01	11	.83
Preferência de imigrantes	191	4,46	1,36	5	.76
Proibição de Imigrantes	188	2,37	1,04	8	.87
Atitudes em relação aos grupos etnoculturais	192	5,97	1,79	19	.96

Em todas as dimensões analisadas (com a exceção da dimensão “Atitudes em relação aos grupos etnoculturais”) os itens são classificados numa escala de 1 a 7, sendo que 1 é considerado uma classificação mais negativa e 7 é considerada uma classificação mais positiva.

Já no caso da dimensão “Atitudes em relação aos grupos etnoculturais”, os itens são classificados numa escala de 0 a 10, no qual 0 é a classificação mais negativa e 10 é a classificação mais positiva (no questionário é pedido aos participantes que avaliem os grupos etnoculturais numa escala de 0 a 100 – no entanto, de modo a facilitar a análise dos dados decidimos transformar esta escala numa escala de 0 a 10). No caso das 5 primeiras dimensões e, tendo em conta que o valor médio da escala é igual a 4, podemos verificar que os resultados são positivos, já que estão todos acima deste valor. Apenas no caso da dimensão da “Proibição de Imigrantes”, os resultados estão abaixo deste valor. No entanto o resultado obtido nesta dimensão: $M = 2,37$; $DP = 1,04$, significa que, de forma geral, os participantes discordam da proibição da entrada de imigrantes no nosso país, o que é também um resultado positivo. Já no que diz respeito à dimensão “Atitudes em relação aos grupos etnoculturais”, o valor médio da escala é igual a 5. Como é possível verificar no quadro 1, para esta dimensão: $M = 5,97$; $DP = 1,79$. Este resultado é também um resultado positivo, visto que está acima da média.

Os resultados confirmaram por isso a nossa hipótese, ou seja, de forma geral, os jovens que participaram neste estudo apresentaram atitudes positivas em relação à imigração.

Atitudes em relação aos imigrantes e “gênero”

A segunda hipótese estabelecia a existência de diferenças significativas de gênero ao nível das atitudes em relação à imigração, com uma maior tolerância demonstrada por parte das raparigas. De seguida são apresentados no quadro 2 os resultados obtidos na variável sociodemográfica “gênero”.

Quadro 2 – Atitudes em relação à imigração em jovens portugueses, segundo o gênero

Dimensão	Sexo Masculino			Sexo Feminino			<i>F</i>	<i>P</i>
	N	M.	D.P.	N	M.	D.P.		
Ideologia Multicultural	108	4,82	0,75	84	5,24	0,68	16,566	.000
Tolerância	108	4,96	0,90	82	5,52	0,76	20,623	.000
Consequências Percepcionadas da Imigração	109	4,35	1,02	84	4,74	0,97	7,149	.008
Preferência de Imigrantes	109	4,55	1,27	82	4,35	1,46	1,035	.310
Proibição de Imigrantes	109	2,54	1,06	79	2,13	0,98	7,282	.008
Atitudes em relação aos grupos etnoculturais	110	5,61	1,64	82	6,45	1,88	10,585	.001

Tal como é possível observar, os resultados mostram a existência de diferenças significativas em todas as dimensões analisadas neste estudo, com exceção da dimensão “ Preferência de Imigrantes” ($F(1,190) = 1,035, p = 0.31$). Em todas as outras dimensões os resultados são significativos: “Atitudes em relação aos grupos etnoculturais” ($F(1,191) = 10,585, p = 0.001$) ; “Consequências percebidas da imigração” ($F(1,192) = 7,149, p = 0.008$); “Proibição de imigrantes” ($F(1,187) = 7,282, p = 0.008$); “Ideologia Multicultural” ($F(1,191) = 16,566, p < 0.001$) e “Tolerância” ($F(1,189) = 20,623, p < 0.001$), e seguem o desempenho previsto na nossa hipótese, ou seja, as raparigas demonstram serem mais favoráveis à imigração do que os rapazes.

Na dimensão “Atitudes em relação aos imigrantes” as raparigas apresentaram uma média superior ($M = 6,45; DP = 1,88$) em relação aos rapazes ($M = 5,61; DP = 1,64$), o mesmo acontecendo para as variáveis: “Consequências percebidas da imigração” - raparigas ($M = 4,74; DP = 0,97$) - rapazes ($M = 4,35; DP = 1,02$); “Ideologia multicultural” – raparigas ($M = 5,24; DP = 0,68$) - rapazes ($M = 4,82; DP = 0,75$) e “Tolerância” – raparigas ($M = 5,52; DP = 0,76$) - rapazes ($M = 4,96; DP = 0,90$).

A única variável onde acontece o oposto é a variável “Proibição de Imigrantes” – raparigas ($M = 2,13; DP = 0,98$) e rapazes ($M = 2,54; DP = 1,06$). No entanto, este resultado significa que as raparigas apresentam uma maior discordância no que respeita

à proibição de entrada de imigrantes no nosso país, por comparação com os rapazes, o que também está de acordo com a nossa hipótese. Deste modo podemos concluir que a hipótese nº2 foi também confirmada.

Atitudes em relação aos imigrantes e “religião”

Em seguida são mostrados, no quadro 3, os resultados respeitantes à variável “religião”.

De modo a verificar se existiam diferenças significativas ao nível das atitudes em relação à imigração, consoante o diferente envolvimento religioso, recorremos a uma análise estatística dos dados, mais precisamente a uma Análise de Variância Unifatorial (One-Way ANOVA).

Quadro 3 – Atitudes em relação à imigração em jovens portugueses, segundo o envolvimento religioso

Dimensão	Crentes Praticantes			Crentes Não-Praticantes			Nem crentes Nem praticantes			F	P
	N	M	D.P	N	M	D.P	N	M	D.P		
Ideologia Multicultural	53	5,11	0,80	73	4,96	0,73	38	5,14	0,68	0,977	.379
Tolerância	52	5,27	0,85	72	5,17	0,89	37	5,47	0,76	1,547	.216
Consequências Percepcionadas da Imigração	53	4,45	1,07	73	4,49	0,94	38	4,95	0,92	3,489	.033
Preferência de Imigrantes	53	4,59	1,45	73	4,43	1,17	36	4,36	1,59	0,359	.702
Proibição de Imigrantes	53	2,45	1,15	69	2,46	0,96	37	1,97	0,81	3,355	.037
Atitudes em relação aos grupos etnoculturais	53	5,90	1,46	72	5,93	1,70	38	6,70	2,03	3,007	.052

Neste caso os resultados são um pouco mais complexos. À primeira vista existem resultados significativos em 2 das dimensões analisadas: “Consequências percepcionadas da imigração” ($F(2,163) = 3,489, p = 0.033$) e “Proibição de imigrantes” ($F(2,158) = 3,355, p = 0.037$), sendo que na dimensão “Atitudes em relação aos grupos etnoculturais”, os resultados são também tendencialmente significativos ($F(2,162) = 3,007, p = 0.052$). Já nas outras 3 dimensões: “Preferência de imigrantes” ($F(2,161) = 0,354, p = 0.702$); “Ideologia Multicultural” ($F(2,163) = 0,977,$

$p = 0.379$) e “Tolerância” ($F(2,160) = 1,547$, $p = 0.216$) os resultados não são significativos.

No entanto, nas 2 dimensões que apresentam resultados significativos, assim como na dimensão que apresenta resultados tendencialmente significativos, verificamos que ocorre aquilo que foi previsto na nossa terceira hipótese, ou seja, que os jovens que se consideram, relativamente à sua posição face à religião, como sendo não crentes e não praticantes apresentam atitudes mais favoráveis à imigração do que os jovens que se consideram crentes praticantes ou crentes não praticantes.

Assim, na dimensão “Atitudes em relação aos grupos etnoculturais” os jovens não crentes e não praticantes apresentaram uma média superior ($M = 6,70$; $DP = 2,03$) em relação aos jovens crentes praticantes ($M = 5,90$; $DP = 1,46$) e aos jovens crentes não-praticantes ($M = 5,93$; $DP = 1,70$), o mesmo acontecendo com a variável “Consequências percebidas da imigração” – não crentes e não praticantes ($M = 4,95$; $DP = 0,92$), crentes praticantes ($M = 4,45$; $DP = 1,07$) e crentes não praticantes ($M = 4,49$; $DP = 0,94$). Na variável “Proibição de imigrantes” acontece o oposto, ou seja, os jovens não crentes e não praticantes apresentam uma média menor ($M = 1,97$; $DP = 0,81$) face aos crentes praticantes ($M = 2,45$; $DP = 1,15$) e aos crentes não-praticantes ($M = 2,46$; $DP = 0,96$). No entanto este resultado também está de acordo com a hipótese definida.

Contudo, de modo a verificar se a hipótese nº 3 é realmente válida (pelo menos parcialmente) necessitamos de recorrer a um teste, visto que, neste caso estão a ser efetuadas comparações entre 3 grupos distintos.

Deste modo é necessário determinar entre que grupos existem diferenças. Para isso é necessário utilizar um procedimento específico que compare os grupos dois a dois (testes Post-Hoc). Nesta análise optou-se por utilizar o teste de Scheffé.

Os resultados obtidos após o uso do teste de Scheffé mostram que, ao contrário do que se podia esperar, não existem diferenças significativas entre os grupos em praticamente todas as dimensões, com a exceção da dimensão “Consequências percebidas da imigração”. Neste caso existem diferenças significativas entre o grupo “Nem crentes nem praticantes” e o grupo “Crentes praticantes”.

Como já foi referido anteriormente, o grupo dos “Não crentes e não praticantes” apresenta uma média superior ao grupo dos “Crentes praticantes”, o que demonstra que, no caso desta dimensão em específico, os resultados estão de acordo com a hipótese definida.

Atitudes em relação aos imigrantes e “escolaridade dos pais”

Finalmente, vamos passar a descrever os resultados obtidos na variável “escolaridade dos pais”.

Aqui os resultados apontam claramente que não existe nenhuma correlação significativa entre o nível de escolaridade do pai e a ideologia multicultural ($r = - .058$; $p = .426$), a tolerância ($r = - .087$, $p = .235$), as consequências percebidas da imigração ($r = .090$, $p = .215$), a preferência de imigrantes ($r = .008$; $p = .909$), a proibição de imigrantes ($r = .017$; $p = .817$) e as atitudes em relação aos grupos etnoculturais ($r = - .040$; $p = .584$).

Da mesma forma os resultados também mostram a inexistência de correlações significativas entre o nível de escolaridade da mãe e a ideologia multicultural ($r = - .131$; $p = .072$), a tolerância ($r = - .058$; $p = .431$), as consequências percebidas da imigração ($r = .024$; $p = .744$), a preferência de imigrantes ($r = - .066$; $p = .366$), a proibição de imigrantes ($r = - .010$; $p = .887$) e as atitudes em relação aos grupos etnoculturais ($r = - .117$; $p = .108$).

Sendo assim, concluímos que, ao contrário daquilo que esperávamos, a hipótese nº 4 não foi confirmada.

Atitudes em relação aos grupos etnoculturais – resultados globais

Passemos agora a analisar os resultados da dimensão “Atitudes em relação aos grupos etnoculturais” de uma forma mais detalhada. Tal como foi feito anteriormente iremos começar por analisar os resultados globais e, em seguida, iremos analisar os resultados obtidos na variável “género” e os resultados obtidos na variável “religião”.

No quadro 4 podemos verificar os resultados globais obtidos na dimensão das “atitudes em relação aos grupos etnoculturais”.

Quadro 4 – Atitudes em relação a grupos etnoculturais em jovens portugueses

Variável	Total		
	N	Média	Desvio-padrão
Americanos (1)	194	7,22	2,07
Ingleses (2)	194	6,89	2,39
Angolanos (3)	194	6,71	2,07
Brasileiros (4)	194	6,67	2,32
Cabo-verdianos (5)	194	6,42	2,22
Alemães (6)	194	6,41	2,67
Franceses (7)	194	6,39	2,18
Moçambicanos (8)	194	6,25	2,18
Indianos (9)	194	6,20	2,27
Espanhóis (10)	193	6,15	2,27
Santomenses (11)	194	6,05	2,33
Timorenses (12)	194	6,00	2,23
Judeus (13)	194	5,91	2,50
Guineenses (14)	194	5,80	2,30
Venezuelanos (15)	194	5,79	2,34
Ucranianos (16)	194	5,24	2,73
Chineses (17)	194	5,20	2,80
Romenos (18)	193	4,47	2,94
Ciganos (19)	194	3,67	2,83

Este estudo avaliou, ao todo, as atitudes de jovens portugueses face a 19 grupos etnoculturais. Os resultados mostram que os grupos melhor avaliados pelos participantes deste estudo foram os americanos ($M=7,22$; $DP=2,07$) e os ingleses ($M=6,89$; $DP=2,39$). Já os grupos pior avaliados foram os ciganos ($M=3,67$; $DP=2,83$) e os romenos ($M=4,47$; $DP=2,94$).

De destacar ainda que, com a excepção dos ciganos e dos romenos todos os outros grupos etnoculturais tiveram uma pontuação média superior a 5 pontos, o que significa que, de facto, a grande maioria dos grupos etnoculturais foi avaliada pelos participantes de uma forma positiva.

Quadro 5 – Atitudes em relação a grupos etnoculturais em jovens portugueses, segundo o género

Variável	Sexo Masculino			Sexo Feminino			F	P
	N	M	D.P	N	M	D.P		
Americanos (1)	110	6,80	2,08	84	7,77	1,93	11,114	.001
Ingleses (2)	110	6,75	2,16	84	7,08	2,34	1,086	.291
Angolanos (3)	110	6,30	1,99	84	7,24	2,06	10,260	.002
Brasileiros (4)	110	6,34	2,28	84	7,11	2,31	5,387	.021
Cabo-verdianos (5)	110	5,95	2,09	84	7,02	2,24	11,686	.001
Alemães (6)	110	6,19	2,79	84	6,69	2,48	1,674	.197
Franceses (7)	110	6,14	2,17	84	6,71	2,16	3,393	.067
Moçambicanos (8)	110	5,85	2,09	84	6,76	2,22	8,547	.004
Indianos (9)	110	5,69	2,08	84	6,86	2,33	13,493	.000
Espanhóis (10)	110	5,70	2,05	83	6,73	2,42	10,348	.002
Santomenses (11)	110	5,74	2,25	84	6,45	2,38	4,587	.033
Timorenses (12)	110	5,70	2,15	84	6,39	2,27	4,705	.031
Judeus (13)	110	5,55	2,41	84	6,38	2,55	5,442	.021
Guineenses (14)	110	5,48	2,26	84	6,23	2,29	5,097	.025
Venezuelanos (15)	110	5,47	2,25	84	6,21	2,40	4,894	.028
Ucranianos (16)	110	4,83	2,53	84	5,79	2,89	6,044	.015
Chineses (17)	110	4,70	2,69	84	5,82	2,82	7,945	.005
Romenos (18)	110	4,05	2,83	83	5,04	3,00	5,496	.020
Ciganos (19)	110	3,46	2,79	84	3,94	2,86	1,359	.245

Os resultados mostram que, com a excepção de 4 grupos etnoculturais: alemães ($F(1,193) = 1,674, p = .197$) ciganos ($F(1,193) = 1,359, p = .245$), franceses ($F(1,193) = 3,393, p = .067$) e ingleses ($F(1,193) = 1,086, p = .291$), todos os outros grupos apresentaram diferenças significativas de género. E, tal como tínhamos verificado aquando da análise dos resultados globais do estudo, de acordo com o género, as participantes do sexo feminino apresentaram atitudes mais positivas em relação à imigração do que os participantes do sexo masculino. Neste caso, em todos os grupos etnoculturais onde se registaram diferenças significativas de género, as raparigas apresentaram sempre resultados superiores aos dos rapazes.

A análise dos resultados de acordo com o género permite-nos ainda destacar outros factos relevantes. Em primeiro lugar é possível verificar que as participantes do sexo feminino avaliaram, com a excepção do grupo dos ciganos ($M = 3,94; DP = 2,86$), todos os grupos etnoculturais com uma pontuação superior a 5 pontos, resultado que

permite considerar que os grupos foram avaliados de uma forma positiva. Em segundo lugar é possível verificar que os participantes do sexo masculino avaliaram de forma negativa 4 grupos etnoculturais: ciganos ($M = 3,46$; $DP = 2,79$), romenos ($M = 4,05$; $DP = 2,83$), chineses ($M = 4,70$; $DP = 2,69$) e ucranianos ($M = 4,83$; $DP = 2,53$).

Como vimos anteriormente na análise dos resultados globais, os únicos grupos avaliados, no geral, de forma negativa foram os ciganos e os romenos. A análise dos resultados de acordo com o género permite-nos concluir que o resultado dos rapazes foi determinante para que os romenos tivessem sido avaliados, no geral, de forma negativa e que os resultados das raparigas foram determinantes para que os chineses e os ucranianos tivessem sido avaliados, de uma forma geral, positiva.

Para além disto podemos ainda verificar que o grupo dos americanos foi o melhor avaliado quer pelos rapazes ($M = 6,80$; $DP = 2,08$) quer pelas raparigas ($M = 7,77$; $DP = 1,93$) e que o grupo dos ingleses foi o segundo melhor avaliado pelos rapazes ($M = 6,75$; $DP = 2,16$) e o quarto melhor avaliado pelas raparigas ($M = 7,08$; $DP = 2,34$). No entanto, no caso das raparigas, há ainda a destacar o facto de os angolanos ($M = 7,24$; $DP = 2,06$) e os brasileiros ($M = 7,11$; $DP = 2,31$) terem sido bastante bem avaliados, só sendo mesmo superados pelo grupo dos americanos. Os angolanos ($M = 6,30$; $DP = 1,99$) e os brasileiros ($M = 6,34$; $DP = 2,28$) também foram dos grupos melhor avaliados pelos rapazes mas foram superados pelo grupo dos americanos e pelo grupo dos ingleses.

Atitudes em relação aos grupos etnoculturais e “religião”

Quadro 6 – Atitudes em relação a grupos etnoculturais em jovens portugueses, segundo o envolvimento religioso

Variável	Crentes Praticantes			Crentes Não-Praticantes			Nem crentes Nem praticantes			F	P
	N	M	D.P	N	M	D.P	N	M	D.P		
Americanos (1)	54	7,37	1,81	73	7,07	2,01	38	7,71	2,19	1,333	.267
Ingleses (2)	54	6,61	2,13	73	7,00	1,85	38	7,66	2,37	2,856	.060
Angolanos (3)	54	6,52	2,04	73	6,92	1,95	38	7,16	2,14	1,207	.302
Brasileiros (4)	54	6,67	2,17	73	6,78	2,09	38	7,05	2,34	0,360	.698
Cabo-verdianos (5)	54	6,52	1,93	73	6,41	2,11	38	6,82	2,57	0,439	.646
Alemães (6)	54	6,13	2,52	73	6,32	2,33	38	7,42	2,83	3,342	.038
Franceses (7)	54	6,50	1,99	73	6,32	2,04	38	7,03	2,38	1,440	.240
Moçambicanos (8)	54	6,30	1,71	73	6,03	2,24	38	7,21	2,27	4,094	.018
Indianos (9)	54	6,24	2,13	73	6,03	2,11	38	7,13	2,38	3,317	.039
Espanhóis (10)	54	6,43	1,90	72	5,94	2,08	38	6,97	2,22	3,178	.044
Santomenses (11)	54	6,06	1,72	73	5,93	2,39	38	6,68	3,75	1,412	.247
Timorenses (12)	54	6,02	1,84	73	6,00	2,07	38	6,74	2,69	1,706	.185
Judeus (13)	54	5,65	2,15	73	5,68	2,46	38	7,34	2,23	7,672	.001
Guineenses (14)	54	5,52	1,78	73	5,81	2,27	38	6,08	2,56	3,299	.039
Venezuelanos (15)	54	5,59	2,01	73	6,00	2,04	38	6,18	2,84	0,888	.413
Ucranianos (16)	54	4,83	2,59	73	5,49	2,52	38	5,95	3,04	2,054	.132
Chineses (17)	54	5,07	2,42	73	5,16	2,58	38	5,92	3,09	1,329	.268
Romenos (18)	53	4,17	2,70	73	4,58	2,90	38	5,26	3,13	1,588	.208
Ciganos (19)	54	3,39	2,64	73	3,59	2,72	38	4,29	3,00	1,264	.285

De modo a verificarmos se existiam diferenças significativas consoante o envolvimento religioso ao nível dos diferentes grupos etnoculturais recorreremos, mais uma vez, a uma Análise de Variância Unifatorial (One-Way ANOVA).

A análise dos resultados de acordo com as diferentes posições face à religião analisadas neste estudo mostra, à primeira vista, a existência de diferenças significativas ao nível da religião em alguns grupos etnoculturais. Os grupos etnoculturais onde ocorrem diferenças significativas são: alemães ($F(2,164) = 3,342; p = .038$), espanhóis ($F(2,163) = 3,178; p = .044$), guineenses ($F(2,164) = 3,299, p = .039$), indianos ($F(2,164) = 3,317, p = .039$), judeus ($F(2,164) = 7,672, p = .001$) e moçambicanos ($F(2,164) = 4,094, p = .018$).

No entanto, como já foi referido anteriormente aquando da análise dos resultados globais de acordo com a religião, necessitamos de recorrer a um teste de

Post-Hoc (neste caso optamos por recorrer ao teste de Scheffé), de modo a determinar se existem de facto diferenças significativas entre grupos com distintas posições face à religião nos 6 grupos etnoculturais anteriormente referidos. O recurso ao teste de Scheffé (ou a outro teste semelhante) é absolutamente necessário sempre que são efetuadas comparações entre pelo menos 3 grupos.

Neste caso o teste de Scheffé confirmou a existência de diferenças significativas em todos os grupos etnoculturais anteriormente referidos. No caso dos alemães e dos guineenses o teste de Scheffé mostrou a existência de diferenças significativas entre o grupo dos “não crentes e não praticantes” e o grupo dos “crentes praticantes”; no caso dos espanhóis, dos indianos e dos moçambicanos as diferenças ocorrem entre o grupo dos “não crentes e não praticantes” e o grupo dos “crentes não-praticantes”; finalmente, no caso dos judeus as diferenças ocorrem entre o grupo dos “não crentes e não praticantes” e os outros dois grupos: “crentes praticantes” e “crentes não-praticantes”.

Em todos os grupos etnoculturais onde ocorreram diferenças significativas entre os diferentes grupos, o grupo dos “não crentes e não praticantes” apresentou sempre melhores resultados face aos restantes grupos, ou seja, o grupo dos “não crentes e não praticantes” demonstrou uma maior tolerância face à imigração em relação aos outros 2 grupos (“crentes praticantes” e “crentes não-praticantes”), indo de encontro ao que foi previsto na nossa hipótese.

Assim, no caso dos alemães o grupo dos “não crentes e não praticantes” obteve - $M = 7,42$; $DP = 2,83$ -, enquanto que o grupo dos “crentes praticantes” obteve - $M = 6,13$; $DP = 2,52$ -; no caso dos guineenses o grupo dos “não crentes e não praticantes” obteve - $M = 6,08$; $DP = 2,56$ -, enquanto que o grupo dos “crentes praticantes” obteve - $M = 5,52$; $DP = 1,78$ -; os espanhóis registaram, ao nível dos “não crentes e não praticantes” um resultado de - $M = 6,97$; $DP = 2,22$ -, enquanto que, ao nível dos “crentes não-praticantes” o resultado foi - $M = 5,94$; $DP = 2,08$ -; os indianos tiveram, no grupo dos “não crentes e não praticantes” um resultado de - $M = 7,13$; $DP = 2,38$ -, e no grupo dos “crentes não-praticantes” um resultado de - $M = 6,03$; $DP = 2,11$ -; os moçambicanos tiveram um resultado de $M = 7,21$; $DP = 2,27$ no grupo dos “não crentes e não praticantes” e um resultado de $M = 6,03$; $DP = 2,24$ no grupo dos “crentes não-praticantes”; finalmente, no caso dos judeus, o grupo dos “não crentes e não praticantes” apresentou um resultado de $M = 7,34$; $DP = 2,23$ enquanto que o grupo dos “crentes praticantes” apresentou um resultado de $M = 5,65$; $DP = 2,15$ e o grupo dos “crentes não-praticantes” apresentou um resultado de $M = 5,68$; $DP = 2,46$.

V - Discussão

Os resultados desta dissertação confirmaram a primeira hipótese, ou seja, ficou confirmado que os jovens apresentavam, de um modo geral, atitudes positivas em relação à imigração.

De facto, a análise dos resultados globais mostrou que os resultados foram positivos em todas as dimensões analisadas. Já no que diz respeito aos 19 grupos etnoculturais analisados neste estudo, verificou-se que, com a excepção do grupo dos ciganos e dos romenos, todos os outros grupos etnoculturais foram avaliados de forma positiva.

Existem estudos que apoiam os resultados da primeira hipótese. De facto, apesar de, nos últimos anos, terem surgido estudos que mostram um aumento das atitudes negativas em relação à imigração no nosso país, a maioria dos estudos, como é o caso de um estudo realizado por Félix Neto e por Fátima Ruiz (1998) junto de um grupo de jovens portugueses, com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos, mostrou que a grande maioria deles manifesta uma atitude favorável em relação à presença de imigrantes em Portugal.

Um outro estudo, também realizado por Félix Neto (2009), com o objetivo de avaliar a evolução das atitudes perante os imigrantes entre 1999 e 2006, mostrou que, apesar de as atitudes positivas perante a imigração terem vindo a enfraquecer ao longo deste período, elas ainda continuam a ser, de um modo geral, positivas.

De igual modo, a segunda hipótese desta investigação também foi confirmada, isto é, as raparigas apresentaram atitudes mais favoráveis à imigração do que os rapazes. Este resultado não é, de todo, surpreendente, visto que quase todos os estudos que abordam a influência da variável género nas atitudes em relação à imigração mostram sistematicamente que as raparigas são mais favoráveis à imigração do que os rapazes.

Efetivamente, os resultados indicam que, em todas as dimensões analisadas neste estudo (com a excepção da dimensão “Preferência de Imigrantes”, na qual não foram registadas diferenças significativas em relação ao género), as raparigas apresentaram atitudes mais positivas face à imigração do que os rapazes.

Os resultados indicam ainda que, relativamente aos grupos etnoculturais analisados, as raparigas também apresentaram médias superiores às dos rapazes em todos eles (com a excepção de 4 – alemães, ciganos, franceses e ingleses – nos quais

não foram registadas diferenças significativas), o que reforça ainda mais os resultados descritos anteriormente.

Uma das possíveis explicações para as raparigas apresentarem, sistematicamente, atitudes mais positivas do que os rapazes em matéria de imigração é o facto de, em função da sua posição na sociedade, as mulheres serem educadas de forma diferente da dos homens. Enquanto que as mulheres são educadas para se focalizarem mais nos outros, os homens são sobretudo educados para alcançar o sucesso pessoal (Hughes e Tuch, 2003, cit in, Berg, 2010). Deste modo, os homens podem frequentemente estar mais preocupados com o alcance dos seus objetivos pessoais do que com o bem-estar dos outros. Os imigrantes podem aqui ser vistos como uma ameaça/ um obstáculo à realização pessoal.

A terceira hipótese foi parcialmente confirmada. Quando os resultados são analisados de forma geral verifica-se que, das 6 dimensões analisadas, existem diferenças significativas entre os grupos em apenas uma das dimensões (a dimensão “consequências percebidas da imigração”). Já quando os resultados são analisados de forma detalhada na dimensão das “atitudes em relação aos grupos etnoculturais” verifica-se a existência de diferenças significativas entre os grupos com diferentes níveis de envolvimento religioso em 6 dos 19 grupos etnoculturais analisados (grupo dos alemães, espanhóis, guineenses, indianos, judeus e moçambicanos).

Em todos os casos em que existem diferenças significativas entre os grupos com distintas posições face à religião, o grupo dos “não-crentes e não praticantes” manifestou sempre atitudes mais favoráveis à imigração por comparação com os outros dois grupos: “crentes praticantes” e “crentes não-praticantes”, o que vai de encontro à nossa hipótese.

Estes resultados não nos permitem retirar grandes conclusões, visto que, tal como pudemos verificar, apenas uma pequena parte dos resultados foram de encontro à hipótese prevista. No entanto, de certa forma, este tipo de resultados já era esperado.

Tal como foi referido anteriormente, aquando da introdução teórica, sempre que a variável “religião” é abordada, os resultados têm sido bastante contraditórios. Enquanto que alguns estudos mostram que a religião tem um efeito positivo nas atitudes em relação aos imigrantes, outros mostram o oposto, ou seja, a religião tem um efeito negativo nessas mesmas atitudes.

Neste caso a religião parece ter tido um efeito um pouco mais negativo, visto que, foram os “não crentes e não praticantes” os que tiveram as atitudes mais positivas em relação à imigração.

Como podemos verificar, alguns dos grupos etnoculturais em que ocorreram diferenças significativas (nomeadamente o grupo dos judeus e o grupo dos indianos), são grupos que representam uma religião diferente da religião dominante no nosso país – o cristianismo (de corrente católica).

Como Portugal é, em termos religiosos, um país muito homogéneo, e como os países homogéneos são, por norma, mais negativos face à imigração, isso pode ter contribuído para que as pessoas religiosas tenham apresentado atitudes menos positivas face a alguns grupos de imigrantes por comparação com as pessoas não religiosas (Bohman e Hjerm, 2014).

Para além disto, estas pessoas podem ter utilizado a religião como uma marca identitária para identificar quem faz parte do seu grupo e quem não faz. Quanto maior é a identificação destas pessoas com o seu grupo religioso, maior é a tendência para estas pessoas se tornarem protetoras da cultura e dos valores do seu grupo. Deste modo as pessoas religiosas podem ver os outros grupos religiosos como sendo uma ameaça, o que, conseqüentemente, pode aumentar o preconceito em relação a esses mesmos grupos (Bloom, Arikan e Courtemanche, 2015).

Já a quarta e última hipótese não foi confirmada, o que acabou por contrariar completamente as nossas previsões. De facto, tal como acontece com a variável género, os resultados referentes à influência das variáveis educação e nível socioeconómico nas atitudes em relação aos imigrantes são bastante claros: os jovens provenientes de níveis socioeducativos mais baixos apresentam atitudes menos favoráveis à imigração comparativamente com os jovens provenientes de níveis socioeducativos mais elevados. No entanto, ao contrário daquilo que era expectável, o nível socioeducativo não teve qualquer influência nas atitudes dos jovens.

A justificação que encontramos para este resultado é a existência de uma influência significativa da parte dos pares, em detrimento da influência dos pais que, neste caso, não demonstrou ser decisiva. O grupo de pares pode assim ter contribuído para uma maior homogeneidade dos resultados.

Por último, ao nível dos grupos etnoculturais, verificamos que foram os americanos e os ingleses os grupos melhor avaliados neste estudo, sendo estes

imediatamente seguidos pelos angolanos, pelos brasileiros e pelos cabo-verdianos. Já os grupos pior avaliados foram os ciganos e os romenos.

De forma geral os resultados obtidos ao nível das atitudes em relação aos grupos etnoculturais não são surpreendentes. De acordo com Félix Neto (2009), em Portugal os grupos etnoculturais da Europa Ocidental e do Norte da Europa são, geralmente, avaliados de forma mais positiva do que os grupos etnoculturais da Europa de Leste e do Sul da Europa.

Como podemos verificar, o segundo grupo melhor avaliado neste estudo foi o grupo dos ingleses (um dos grupos da Europa Ocidental), enquanto que os romenos, oriundos da Europa de Leste, é um dos grupos pior avaliados (os ucranianos, outro dos grupos da Europa de Leste, foi também avaliado de forma negativa pelos rapazes e é um dos grupos etnoculturais que, neste estudo, foi avaliado de forma menos positiva).

Para além disto, no estudo realizado por Félix Neto (2009), o grupo dos brasileiros foi o grupo melhor avaliado pelos participantes enquanto que o grupo dos ciganos foi o grupo pior avaliado. Ambos os resultados são idênticos aos resultados obtidos neste estudo: o grupo dos brasileiros foi um dos melhor avaliados enquanto que o grupo dos ciganos foi também o mais mal avaliado.

Deste modo podemos considerar que, no que toca aos grupos etnoculturais, os resultados obtidos neste estudo estão de, de um modo geral, de acordo com a literatura.

Como se pode desenvolver atitudes positivas em relação à imigração?

De modo a que os jovens e as outras pessoas no geral possam manifestar atitudes positivas em relação à imigração é necessário desmistificarmos determinadas ideias erradas associadas aos imigrantes, nomeadamente aquelas que associam os imigrantes ao crime e a roturas sociais (ex^o: impacto negativo na economia e no mercado laboral). Para isso é necessário desenvolver políticas que vão neste sentido (Rustenbach, 2010).

De facto a imigração está associada a coisas positivas, nomeadamente ao combate às mudanças desfavoráveis na demografia europeia, como é o caso do envelhecimento da população (Matos, Barbosa, Salgueiro e Machado, 2013).

No caso português a imigração tem sido essencial para o crescimento da população, para o aumento da natalidade assim como para o combate ao seu envelhecimento. De facto, se não fossem as entradas de imigrantes no nosso país,

Portugal estaria atualmente a passar por um processo de diminuição da população, o que traria graves problemas demográficos e de desenvolvimento económico e social (Silva, 2015).

Para além disto, e como já foi referido anteriormente, na adolescência a influência do grupo de pares nas atitudes em relação à imigração parece ser absolutamente decisiva.

O grupo de pares pode ser de facto, como já vimos anteriormente, potenciador da xenofobia, mas também pode ser um promotor da tolerância, visto que os amigos também podem ajudar a conter pensamentos e sentimentos xenófobos. Os esforços de prevenção e de intervenção devem ter em conta estes factos (Walter van Zalk, Kerr, Nejra van Zalk e Stattin, 2013).

Já a influência dos pais não teve, neste estudo, uma influência decisiva. No entanto, alguns estudos, como o estudo realizado por Gniewosz e Noack (2015) têm demonstrado que é na fase inicial da adolescência que os pais podem ter uma maior influência ao nível da formação das atitudes dos seus filhos. Parece portanto existir uma janela temporal na qual as influências externas ao nível das atitudes em relação à imigração são possíveis. É portanto nesta fase que os pais podem moldar a trajetória de desenvolvimento das atitudes dos seus filhos. Depois desta fase, a possibilidade de os pais influenciarem as atitudes dos seus filhos é menor. Deste modo, os progenitores devem procurar desde muito cedo influenciar positivamente as atitudes dos seus filhos em relação aos imigrantes.

Limitações do estudo

Este estudo apresenta algumas limitações. Em primeiro lugar, não conseguimos recolher uma amostra equitativa em termos de género, visto que o número de rapazes que participaram neste estudo é relativamente maior do que o número de raparigas.

Por último, este estudo foi realizado num contexto particular (colégio com contrato de associação com o Estado). Apesar de o colégio onde este estudo foi realizado não ser um colégio de elite, visto que, tal como já foi referido anteriormente, uma parte significativa dos pais dos alunos analisados nesta investigação não possui mais do que o 9º ano de escolaridade (o que demonstra que muitos destes alunos são provenientes de classes sociais mais baixas), a realidade é que o Colégio possui regras próprias, assim como um modelo de ensino específico, o que pode, de alguma forma, influenciar as atitudes em relação à imigração dos seus alunos.

Contributos do estudo

Com este estudo esperamos ter contribuído para melhor compreender as atitudes em relação à imigração nos jovens portugueses, assim como alguns dos fatores que influenciam essas mesmas atitudes. No entanto este estudo, por si só, não permite retirar conclusões generalizadas sobre as atitudes face aos imigrantes nos adolescentes portugueses. Serão necessárias mais investigações sobre este tema de modo a podermos ter uma visão mais abrangente, que permita reforçar estes resultados.

Referências Bibliográficas

- Anderson, J., e Antalikova, R. (2014). Framing (implicitly) matters: The role of religion in attitudes toward immigrants and muslims in Denmark. *Scandinavian Journal of Psychology*, 55, 593-600.
- Baganha, M. I. (2009). The lusophone migratory system: Patterns and trends. *International Migration*, 47, 5-20.
- Barber, C., Fennely, K., e Torney-Purta, J. (2013). Nationalism and support for immigrants' rights among adolescents in 25 countries. *Applied Developmental Science*, 17, 60-75.
- Berg, J. A. (2010). Race, class, gender, and social space: Using an intersectional approach to study immigration attitudes. *The Sociological Quarterly*, 51, 278-302.
- Bloom, P. B., Arikan, G., e Courtemanche, M. (2015). Religious social identity, religious belief, and anti-immigration sentiment. *American Political Science Review*, 109, 203-221.
- Bohman, A., e Hjerm, M. (2014). How the religious context affects the relationship between religiosity and attitudes towards immigration. *Ethnic and Racial Studies*, 37, 937-957.
- Cardoso, J. C. (2006). Immigration to Portugal. *Journal of Immigrant & Refugee Studies*, 4, 3-18.
- Cohrs, J. C., e Stelzl, M. (2010). How ideological attitudes predict host society members' attitudes toward immigrants: Exploring cross-national differences. *Journal of Social Issues*, 66, 673-694.
- Curson, P. (2016). A world in motion. *Geodate*, 29, 9-13.
- De Sousa, C. U. (2002). The new portuguese immigration act. *European Journal of Migration and Law*, 4, 49-69.

- Doebler, S. (2014). Relationships between religion and intolerance towards muslims and immigrants in Europe: A multilevel analysis. *Review of Religious Research*, 56, 61-86.
- Fasel, N., Green, E. G. T., e Sarrasin, O. (2013). Facing cultural diversity: Anti-immigrant attitudes in Europe. *European Psychologist*, 18, 253–262.
- Gniewosz, B., e Noack, P. (2015). Parental influences on adolescents’ negative attitudes toward immigrants. *Journal of Youth Adolescence*, 44, 1787-1802.
- Infopédia (16/06/2016). *Migração*. Consultado em Junho 16, 2016, em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/migração>.
- Jornal I (06/11/2015). *Portugueses manifestam-se na net contra o acolhimento de refugiados*. Consultado em Maio 25, 2016, em <http://ionline.sapo.pt/478927>.
- Malchow-Møller, N., Munch J. R., Schroll, S., e Skaksen J. R. (2009). Explaining cross-country differences in attitudes towards immigration in the EU-15. *Social Indicators Research*, 91, 371–390.
- Malheiros, J. (2011). Portugal 2010: The return of the country of emigration? *JANUS.NET, e-journal of International Relations*, 2, 127-136.
- Matos, R., Barbosa, M., Salgueiro, G., e Machado, C. (2013). Cidadãos estrangeiros em Portugal: Migrações, crime e reclusão. *Psicologia*, 27, 33-45.
- McDaniel, E. L., Nooruddin, I., e Shortle A. F. (2011). Divine boundaries: How religion shapes citizens’ attitudes toward immigrants. *American Politics Research*, 39, 205-233.
- Meuleman, B., Davidov, E., e Billiet, J. (2009). Changing attitudes toward immigration in Europe, 2002–2007: A dynamic group conflict theory approach. *Social Science Research*, 38, 352-365.
- Murray, K. E., e Marx, D. M. (2013). Attitudes toward unauthorized immigrants, authorized immigrants, and refugees. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 19, 332-341.
- Neto, F. (1998). *Psicologia Social*, Vol. 1. Lisboa: Universidade Aberta.

- Neto, F. (2012). *Estudos de Psicologia Intercultural: Nós e outros*, Vol. 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Neto, F. (2009). Are attitudes of young portuguese towards immigration also hardening? A comparison between 1999 and 2006. In A. Gori e K. Mylonas (Eds.), *Quod erat demonstrandum: from herodotus' ethnographic journeys to cross-cultural research* (pp. 255-264). Athens: Pedio Books Publishing.
- Neto, F. (2010). *Portugal Intercultural: Aculturação e adaptação de jovens de origem imigrante*. Porto: Livpsic.
- Neto, F., e Ruiz, F. (1998). Atitudes pré-xenóforas em adolescentes. *Psicologia, Educação e Cultura*, 2, 189-207.
- Notícias ao Minuto (16/09/2015). *Portugueses contra casas para refugiados mas a favor de empregos*. Consultado em Maio 25, 2016, em <https://www.noticiasao minuto.com/pais/452184/portugueses-contra-casas-para-refugiados-mas-a-favor-de-empregos>
- Oliveira, E., e Neto, F. (2007). Tolerância étnica na adolescência. *Psicologia, Educação e Cultura*, 11, 307-328.
- Olmos, J. C. C., e Garrido A. A. (2013). Los inmigrantes vistos por los españoles. Entre la amenaza y la competencia (1997-2007). *Revista de Estudios Sociales*, 47, 118-132.
- ONU (14/01/2016). *Número de migrantes internacionais chega a cerca de 244 milhões, revela ONU*. Consultado em Maio 15, 2016, em <https://nacoesunidas.org/numero-de-migrantes-internacionais-chega-a-cerca-de-244-milhoes-revela-onu/>
- Pais, J. (1999). Uma Europa aberta ao multiculturalismo? *Revista USP*, 42, 34-43.
- Papademetriou, D. (2003). Managing rapid and deep change in the newest age of migration. *Political Quarterly*, 74, 39-58.
- Peixoto, J. (2002). Strong market, weak state: the case of recent foreign immigration in Portugal. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 28, 483-497.

- Peixoto, J. (2007). Dinâmicas e regimes migratórios: O caso das migrações internacionais em Portugal. *Análise Social*, 42, 445-469.
- Peixoto, J., Sabino, C., e Abreu, A. (2009). Immigration policies in Portugal: Limits and compromise in the quest for regulation. *European Journal of Migration and Law*, 11, 179-197.
- Rustenbach, E. (2010). Sources of negative attitudes toward immigrants in Europe: A multi-level analysis. *International Migration Review*, 44, 53-77.
- SEF. (2015). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo*. Oeiras: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.
- Silva, J. C. J. (2015). As três fases das migrações internacionais portuguesas no pós-guerra. *ACTA Geográfica*, 9, 141-151.
- Sprague-Jones, J. (2011). Extreme right-wing vote and support for multiculturalism in Europe. *Ethnic and Racial Studies*, 34, 535-555.
- Vala, J., Pereira, C., e Ramos, A. (2006). Racial prejudice, threat perception and opposition to immigration: A comparative analysis. *Portuguese Journal of Social Science*, 5, 119-140.
- Valentova, M., e Alieva, A. (2014). Gender differences in the perception of immigration-related threats. *International Journal of Intercultural Relations*, 39, 175-182.
- Vieira, R., e Trindade, J. (2008). Migration, culture and identity in Portugal. *Language and Intercultural Communication*, 8, 36-49.
- Walter van Zalk, M. H., Kerr, M., Nejra van Zalk, e Stattin, H. (2013). Xenophobia and tolerance toward immigrants in adolescence: Cross-influence processes within friendships. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 41, 627-639.
- Ward, C., e Masgoret, A. M. (2006). An integrative model of attitudes toward immigrants. *International Journal of Intercultural Relations*, 30, 671-682.

Anexos

Neste questionário serão apresentadas diversas afirmações, cada uma expressando uma opinião com que pode estar de acordo ou não. Para cada afirmação pedimos-lhe para expressar o seu grau de acordo ou de desacordo. Para tal faça um círculo à volta do número que corresponde à sua opinião. Procure ser sincero e espontâneo. Não há boas ou más respostas. É garantido o anonimato completo das suas respostas. Os seus resultados serão analisados de modo estatístico por grupo e não de modo individual. Não hesite em interrogar o investigador em caso de dúvida quanto ao significado de uma questão.

1. Tem consciência da abordagem de Portugal para a imigração?

_____ Sim

_____ Não

2. A que grupo(s) étnico(s) pertence(m) os seus antepassados?

_____ Portugueses

_____ Outros. Quais _____

Na seguinte parte do questionário, será apresentado um certo número de afirmações e vou pedir-lhe para exprimir o seu grau de acordo ou de desacordo relativo a cada uma delas. Para responder, utilize uma escala de 7 pontos, onde 1 significa “totalmente em desacordo” e 7 significa “totalmente de acordo”. O ponto médio 4 significa nem de acordo nem em desacordo. É livre de utilizar todos os números entre 1 e 7 para indicar os graus variáveis de desacordo ou acordo.

	Totalmente em				Totalmente		
	<u>desacordo</u>				<u>de acordo</u>		
1. Os portugueses deveriam reconhecer que a diversidade cultural é uma característica fundamental da sociedade portuguesa.	1	2	3	4	5	6	7
2. Deveríamos ajudar as minorias étnicas a	1	2	3	4	5	6	7

preservar a sua herança cultural em Portugal.

3. É melhor para Portugal se as pessoas
esquecerem o mais depressa possível, os seus
meios de origem étnicos e culturais diferentes.

1 2 3 4 5 6 7

4. Uma sociedade que tem uma variedade de
grupos étnicos e culturais está mais apta a
defender-se dos novos problemas à medida que
estes surgem.

1 2 3 4 5 6 7

5. A unidade deste país é enfraquecida pelos
portugueses de diferentes meios de origem
étnicos e culturais agarrados às suas velhas
formas de vida.

1 2 3 4 5 6 7

6. Se os portugueses de diferentes origens
étnicas e culturais querem manter a sua própria
cultura, deveriam mantê-la para si próprios.

1 2 3 4 5 6 7

7. Uma sociedade que tem uma variedade de
grupos étnicos ou culturais tem mais problemas
com a unidade nacional do que sociedades com
um ou dois grupos culturais básicos.

1 2 3 4 5 6 7

8. Os portugueses deveriam fazer mais para
aprenderem acerca dos costumes e herança
dos grupos étnicos e culturais diferentes neste país.

1 2 3 4 5 6 7

9. Os pais imigrantes devem encorajar os seus
filhos na retenção da cultura e tradições da sua
terra.

1 2 3 4 5 6 7

10. As pessoas que vêm para Portugal deveriam
mudar o seu comportamento para serem mais

1 2 3 4 5 6 7

parecidas connosco.

11. É má ideia que pessoas de diferentes etnias casem uma com a outra.

12. Os que não são brancos que vivem aqui não devem esforçar-se para ir onde não são desejados.

13. Se os empregadores apenas querem contratar certos grupos de pessoas, isso é com eles.

14. Fico zangado(a) quando vejo imigrantes recentes na televisão a pedir os mesmos direitos que os portugueses.

15. Os imigrantes recentes deveriam ter tanto a dizer acerca do futuro de Portugal como as pessoas que nasceram e foram educadas aqui.

16. É bom ter pessoas de diferentes grupos étnicos a viver no mesmo país.

17. Deveríamos promover a igualdade entre os portugueses, independentemente da origem étnica.

18. Crianças portuguesas que cresceram rodeadas de pessoas de diferentes grupos étnicos não terão uma base cultural sólida.

19. Sinto-me seguro(a) quando estou com pessoas de diferentes grupos étnicos.

20. A imigração tende a ameaçar a cultura portuguesa.

- | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 21. Com mais imigração, os portugueses perderiam a sua identidade. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 22. Se vierem mais imigrantes para Portugal, existirá mais desemprego. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 23. Beneficiaremos todos do aumento da atividade económica criada pelos imigrantes. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 24. Os imigrantes tiram os empregos aos outros portugueses. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 25. A presença de imigrantes não tornará os salários mais pequenos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 26. Não existe razão para pensar que o nosso país está a desmoronar-se por causa da variedade de grupos etno-culturais. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 27. A imigração aumenta o nível do crime em Portugal. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 28. A imigração aumenta a inquietação social. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |

Na seguinte parte do questionário, será apresentado um certo número de afirmações e vou pedir-lhe para exprimir os seus pontos de vista. Em vez de responder o grau de acordo ou desacordo como anteriormente, as respostas serão diferentes para cada conjunto de questões.

Por favor indique até que ponto pensa que às pessoas de outros países deveria ser dada preferência para imigrar para Portugal, usando a seguinte escala de 7 pontos, onde 1 significa “Nenhuma preferência” e 7 significa “Toda a preferência”. É livre de utilizar todos os números entre 1 e 7 para indicar os vários graus de preferência.

- | | | | | | | | |
|------------------------------------|-------------|---|---|-------------|---|---|---|
| Aqueles que: | Nenhuma | | | Toda a | | | |
| | preferência | | | preferência | | | |
| 29. têm elevado nível de educação | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 30. têm competências para negociar | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |

31. são ricos	1	2	3	4	5	6	7
32. são brancos	1	2	3	4	5	6	7
33. falam a língua portuguesa	1	2	3	4	5	6	7

Por favor indique até que ponto pensa que os indivíduos de outros países deveriam ser proibidos de imigrar para Portugal, usando a seguinte escala de 7 pontos, onde 1 significa “Nada proibidos” e 7 significa “Totalmente proibidos”. É livre de utilizar todos os números entre 1 e 7 para indicar os vários graus de proibição.

Aqueles que:	Nada			Totalmente			
	proibidos			proibidos			
34. têm elevado nível de educação.	1	2	3	4	5	6	7
35. têm competências para negociar.	1	2	3	4	5	6	7
36. são ricos	1	2	3	4	5	6	7
37. não são brancos	1	2	3	4	5	6	7
38. são culturalmente diferentes da maioria dos portugueses	1	2	3	4	5	6	7
39. são incapazes de falar a língua portuguesa	1	2	3	4	5	6	7
40. têm cadastro criminal	1	2	3	4	5	6	7
41. têm pouca saúde	1	2	3	4	5	6	7

Agora gostaria de conhecer as suas atitudes acerca de vários grupos sociais que vivem em Portugal. Vou pedir-lhe para utilizar uma escala como um termómetro para exprimir a sua atitude. Este termómetro de atitude tem números desde os 0 aos 100 graus. Funciona do seguinte modo. Se tem uma atitude favorável acerca dos membros de um grupo, daria ao grupo uma pontuação algures entre os 50° e os 100°, dependendo de quão favorável a sua avaliação é acerca desse grupo. Se, pelo contrário, tem uma atitude desfavorável acerca dos membros dum grupo, daria a pontuação algures entre os 0° e os 50°, dependendo de quão desfavorável é a sua avaliação acerca desse grupo. As categorias fornecidas ajudarão a localizar as suas avaliações no termómetro. Contudo, não está restrito(a) aos números indicados – é livre de utilizar qualquer número entre 0° e 100°.

Os grupos sociais que gostaria de avaliar são pessoas de várias origens, que agora vivem em Portugal.

FAVORÁVEL	100°	Extremamente favorável
	90°	
	80°	
	70°	
	60°	
	50°	Nem favorável nem desfavorável
	40°	
	30°	
	20°	
	10°	
DESFAVORÁVEL	0°	Extremamente desfavorável

Por favor, atribua um número entre 0° e 100° para indicar a sua atitude acerca dos:
(Escreva um número entre 0 e 100)

	<u>Graus</u>
42. Alemães	_____
43. Americanos (EU)	_____
44. Angolanos	_____
45. Brasileiros	_____
46. Cabo-verdianos	_____
47. Chineses	_____
48. Ciganos	_____
49. Espanhóis	_____
50. Franceses	_____
51. Guineenses	_____

52. Indianos _____
53. Ingleses _____
54. Judeus _____
55. Moçambicanos _____
56. Santomenses _____
57. Timorenses _____
58. Venezuelanos _____
59. Ucranianos _____
60. Romenos _____

Informações demográficas

Idade _____ anos

Género Masculino(1) _____ Feminino(2) _____

Relativamente à religião, considera-se:

1. Praticante / 2. Crente não Praticante / 3. Nem Crente nem Praticante

Educação

Qual é o nível mais elevado de escolaridade que
obteve? (Pedir o do pai e da mãe também)

	<u>Eu</u>	<u>Pai</u>	<u>Mãe</u>
1º ciclo do ensino básico	1	1	1
2º ciclo do ensino básico	2	2	2
3º ciclo do ensino básico	3	3	3
Ensino secundário	4	4	4
Ensino superior	5	5	5
Pós graduação	6	6	6

Local de nascimento

Nasceu em Portugal: Não _____(1) Onde? _____

Sim _____(2)

Que língua aprendeu primeiramente

em casa e ainda compreende?

Português _____(1)

Outra _____(2)

Que língua fala mais em casa?

Português _____(1)

Outra _____(2)

Muito obrigado pela sua participação.